

A BUSCA DA NOVA CONSCIÊNCIA

3


Pentagrama
publicações



SÉRIE RENOVACÃO

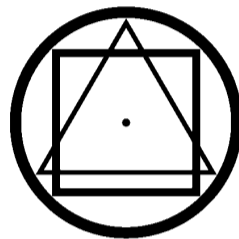
SÉRIE RENOVACÃO
Volume 3

A Busca da Nova Consciência

Lectorium Rosicrucianum

1ª edição

2020



Pentagrama
publicações

2020

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

A Busca da nova consciência [livro eletrônico] /
Lectorium Rosicrucianum. -- 1. ed. -- Jarinu,
SP : Editora Lectorium Rosicrucianum, 2020. --
(Série renovação ; 3)
1 Mb ; PDF

ISBN 978-65-86863-02-4

1. Autoconhecimento 2. Consciência
3. Espiritualidade 4. Gnosticismo
5. Rosacrucianismo - Discursos, ensaios, conferências
6. Transformação I. Lectorium Rosicrucianum.
II. Série.

20-36250

CDD-299.932

Índices para catálogo sistemático:

1. Rosacrucianismo : Conferências : Gnosticismo :
Religião 299.932

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

Copyright ©

Todos os direitos desta edição reservados à

Pentagrama Publicações.

Caixa Postal 39 - CEP 13240-000 - Jarinu - SP - Brasil

www.pentagrama.org.br

livros@pentagrama.org.br

Diagramação e conversão para eBook: Jean-Frédéric Pluvillage / Editora FoxTablet

FoxTablet Ltda. - ME

Fone: +55 11 3413-3998

E-mail: contato@foxtablet.com.br

Website: www.foxtablet.com.br

Facebook: www.facebook.com/foxtablet

ÍNDICE

Prefácio

Introdução

Capítulo 1 - Consciência-eu e nova consciência

Capítulo 2 - As novas capacidades orgânicas da nova consciência

Capítulo 3 - Conflitos e contradições

Capítulo 4 - O caminho da Rosacruz Áurea: preparação, trabalho e realização

Capítulo 5 - O processo alquímico do solve et coagula

Capítulo 6 - Transformar chumbo em ouro do Espírito

Capítulo 7 - O centenário de nossa Escola e a missão aquariana

Capítulo 8 - A consciência plena e o cosmo: a metáfora das fases da Lua

Capítulo 9 - A alquimia interior

Capítulo 10 - As sete perguntas, a máscara da Medusa e o bom combate

Apêndice - Textos para sentir-pensar

PREFÁCIO

Conta a mitologia que a Medusa era um monstro que morava numa caverna e transformava em pedra todos que a olhassem. Ela vivia num país devastado por sua maldição; para que esse povo fosse libertado, a Medusa precisava ser morta. Perseu quis libertar esse povo e, para enfrentá-la, utilizou um espelho para vê-la sem ter que olhar diretamente para ela. Assim, conseguiu degolá-la com uma espada. Ao morrer, de dentro do ventre da Medusa foi libertado o cavalo alado Pégaso.

O mito da Medusa e Perseu contém quatro elementos que correspondem aos quatro aspectos do processo alquímico interior: o Espelho, a Medusa, a Espada e Pégaso.

O Espelho, “Espelho de Perseu” ou “Espelho da Alma”, representa a superfície que reflete a imagem do que a consciência humana percebe como realidade, a fronteira entre o consciente e o inconsciente. Esse espelho é o mundo que percebemos com a nossa consciência.

A Medusa representa a face invisível dessa consciência: um ser monstruoso, cujos cabelos eram serpentes. Trata-se da imagem que projetamos exteriormente, com nossos traços mais marcantes, as linhas mais pronunciadas de nosso caráter e comportamento.

O Espelho sugere que se inverta a lógica dessa narrativa, para poder compreender como funciona o combate interior. Para transformar seu estado de consciência, o buscador deve reconhecer o reflexo de seu comportamento na maneira como o mundo e as pessoas interagem com ele. E ao reconhecer que as reações de seus semelhantes não passam do reflexo da maneira como ele mesmo age, poderá finalmente fazer algo para mudá-la.

De experiência em experiência esse processo ocorre em nós, até que atinjamos a iluminação da consciência, e essa luz em nós seja tão forte a ponto de se tornar uma poderosa ferramenta – simbolicamente, uma Espada.

Uma vez iluminada pela luz do supraconsciente, a consciência atinge um novo estado de ser, aqui representado pelo glorioso Pégaso, que nasce após uma lenta gestação na consciência.

Neste livro, é lançado ao buscador o desafio de despertar a consciência pela observação do mundo ao seu redor, nele reconhecendo o grande espelho da Inteligência Universal, em que se reconhece que todos os seres são o reflexo projetado da própria consciência individual. Ver o mundo dessa forma desmascara a farsa do eu ilusório e liberta das máscaras da Medusa, permitindo assim a manifestação da realidade interior do ser real, aqui e agora.

Lectorium Rosicrucianum

Jarinu, 2020

QUEM ÉS TU?

Quem és Tu, que estás dentro e fora de mim,
mais perto que os pés e as mãos,
e, no entanto, tão infinitamente longe e alheio,
que aceitas todo meu amor
e rompes todas as minhas amarras?

Tu, que Te liberas no presente,
Elevando-Te do mais profundo de meu ser!

Tu, que me conduzes por Teus caminhos
para acolher-me finalmente em Ti!

Dá-me a força de permanecer em Ti
e de percorrer o caminho a Teu serviço,
e de, em Tua força, vencer a mim mesmo!

Porque somente quando tudo for consumado,
da noite desta Terra
despertará à vida a Rosa Áurea,
na Áurea Cruz!

INTRODUÇÃO

Que o Fogo do grande anseio que arde em nossos corações possa elevar-se como a luz de uma nova consciência concedendo-nos a força para elevar-nos para além das muralhas de nossa prisão autocriada.

Que nesse fogo, nessa luz e nessa força possamos finalmente atingir a grande meta da existência humana e ingressar no Novo Campo de Vida, que já se encontra aqui e agora.

Conversavam discípulo e mestre sobre o despertar da consciência: Discípulo: Mestre, quem é aquele que, neste instante, em mim diz: “eu”? É uma voz, um pensamento, um sentimento ou uma sensação? Ele está em minha cabeça, em minha mente, ou em minha imaginação? Em que parte de meu ser ele se encontra? Estaria fora ou dentro de mim?

Perplexo ao perceber que não podia definir seu “eu”, o discípulo silencia por alguns minutos e continua:

Discípulo: Percebo que meu “eu”, essa certeza sempre presente e absoluta de ser e existir, que me acompanha a cada instante, que jamais me abandona, torna-se algo completamente indefinível no mesmo instante em que me volto para ele. Não sei explicar o porquê disso. Quando silencio, ainda que por um instante, e nem mesmo um único pensamento circula em minha mente, atônito, percebo que aquele que em mim diz “eu” ainda está lá. Mesmo com meu corpo imóvel, sem que nenhuma respiração, emoção ou sensação sequer nele circule, percebo que aquele que em mim diz “eu”, ainda está lá.

Percebo que aquele que diz “eu” não são meus pensamentos, nem minhas emoções ou sensações. Ainda que minha mente se apagasse, e meu corpo desaparecesse, aquele que diz “eu” ainda permaneceria lá. Ainda que meu último apego se apagasse, como a chama bruxuleante de uma vela ao vento, aquele que diz “eu” ainda estaria lá. Além da mente, além do corpo, além do apego, ele permaneceria, como espelho sem luz, invisível no âmago de meu ser e, no entanto, ainda presente.

Quem então é esse “eu”, que permanece em mim, para além de tudo? Lá naquele lugar ao mesmo tempo tão conhecido e não obstante absolutamente indefinível, naquele lugar que não posso tocar, nem precisar, nem apontar, nem mesmo destruir?

Após ouvir pacientemente os questionamentos e reflexões de seu discípulo, o Mestre responde:

Mestre: Esse “eu”, que se encontra muito além de tudo é, ao mesmo tempo, aquele que percebe e aquilo que é percebido. Ele é a própria percepção, a percepção que conhece e reconhece apenas a si mesma. Ele é esse conhecimento, o ‘cognoceré’, a cognição. Ele é a própria consciência em si mesma. A consciência é essa força infinita, o impulso de conhecer a si mesma. A força que mantém a grande roda da vida e de seus fenômenos em movimento. A força que anima e impulsiona toda a manifestação: essa força é a alma.

“Eu”, “consciência” e “alma” são diferentes nomes para o único observador perene e silencioso. Para o observador sem rosto e sem nome, sem rótulo, nem tempo, nem espaço. Para aquele que é o mesmo em mim, em você e em todos os seres. O Grande Eu sem nome e sem rosto. A Grande Consciência, una e onipresente em todos os seres. A Grande Alma, que anima e move toda a Vida. Olhe para dentro agora e perceba a si mesmo para além de todos os véus. Sim: perceba o Ser!

Ainda inquieto o discípulo dispara uma série de novas perguntas:

Discípulo: Mestre, se o Ser Real, o eu, a consciência ou a alma encontram-se eternamente para além de todos os véus, então o que deve ser demolido em mim? Qual é a barreira que me separa, ainda, neste instante, de sua inquestionável mas incompreensível presença? O que devo fazer quando me pedem para demolir o eu, o meu eu? O que devo fazer quando me dizem para construir uma nova consciência? O que devo fazer quando me apontam para o raiar de uma Nova Alma? O que é velho e o que é novo em mim? O que é mortal e o que é imortal em mim? O que é meu ser e o que é o Único Ser em mim? Se a Luz é una, o Ser é uno e se a Vida é una, onde se encontra o fim e o começo? Onde se encontram o velho e o novo? Onde me encontro, eu mesmo, em tudo isso?

Mestre: A Luz é una, mas seus reflexos infinitos. O Ser é uno, mas suas manifestações incontáveis. A Vida é una, mas cada ser é único. O Grande Eu, a Grande Consciência, a Grande Alma são unos e indivisíveis. Porém cada ser carrega em si um fragmento do Grande Espelho. Cada espelho reflete uma imagem. Cada imagem gera um reflexo. Cada reflexo, sua manifestação. A Grande Lei do Amor Universal é a Lei da Plena Liberdade. Cada Ser emana do insondável oceano da onimanifestação, como uma de suas infinitas e incontáveis ondas. O Grande Ser, a Oniconsciência, a força motriz que une a ideia e a forma gera, vivifica, anima e desperta cada um de seus filhos. A Grande Alma reparte-se em incontáveis centelhas. A Grande Consciência reflete-se nos incontáveis espelhos da consciência de cada ser.

Assim, ecoam as palavras de um antigo texto da poesia indiana:

“Deus dorme nas pedras
respira nas plantas
sonha nos animais
e desperta nos homens.”

Deus, o Universal, é a Grande e Única Consciência. Ele é o princípio que tudo move. Muitos questionam a razão do sofrimento e de viverem na dor de seu “eu”, isolados do todo. Eu mesmo me fiz muitas vezes essas perguntas. Chegou então o dia e a hora em que distingui uma voz. Não de fora, acima ou abaixo, mas dentro de mim. Nas profundezas de meu coração. Um sussurro manso, um canto tênue.

Era uma voz que não me era estranha, apesar de achar que a estava ouvindo pela primeira vez. Contava-me como a vida realmente poderia ser vivida pelos homens. Foi como se o mundo ruísse ao meu redor! Foi como se tudo ao meu redor se dissolvesse em nada, como nuvens em fuga. Foi como se visse um novo céu e uma nova Terra! Havia lá, onde habitava o Homem, um Amor assim como o tinha buscado. Foi uma sensação diferente, assombrou-me.

Um fluxo de alegria inundava todo o meu ser. Tudo o que via era acolhido em cada uma das fibras de meu corpo. Abriguei esse Amor em meu coração e logo descobri que Ele há muito já estava dentro de mim, que sempre havia estado lá, como um diamante na terra escura. No instante seguinte estava novamente no mundo, caminhando entre bilhões de outros seres. Vi suas obras, o cansaço de seus membros e de seus corações. Vi a tristeza de seu ânimo, o gelo de suas lágrimas solidificadas.

Um Amor profundo inundava meu coração. Vinha e partia de mim como o grito de um pássaro! Virei-me como se estivesse em fuga, caminhando pelo mundo com a firme determinação de encontrar o país cuja imagem jazia escondida nas profundezas de meu coração. Sabia que existiam inúmeros portadores do tesouro; que os que quisessem viessem comigo. Não era uma viagem para lugares distantes, pois esse país ficava mais perto do que mãos e pés!

Para alcançá-lo basta um passo, o passo da autorrevolução. E isso desejei com todas as forças.

Que a certeza da posse interior, da ligação com a centelha do Único e Verdadeiro Ser em nós, possa acompanhar-nos, iluminar-nos e guiar-nos em todos os nossos caminhos!

Abraçaram-se e, antes de partir, o discípulo agradeceu por aquelas palavras como um filho de Deus que é eternamente grato pela dádiva da Vida.

EU SOU

Eu sou a luz, eu sou a escuridão

Eu sou a eternidade, eu sou o tempo

Eu sou o universal, eu sou o individual

Sendo dois, sou um. Sendo um, sou dois. Enquanto eu for dois, não serei o Uno. Enquanto eu não for o Uno, serei o dividido. Enquanto aquele que é não for em mim, serei a sombra de mim mesmo. Enquanto o verdadeiro eu não for em mim, serei a sombra de meu eu transitório e fugaz.

Enquanto o olho que tudo vê não se abrir em mim, vagarei nas sombras de minha própria escuridão. Nessa hora, a voz do insondável se eleva em meu ser, e com seu fogo silencioso me diz:

“Torna-te consciente...

Consciente de ti mesmo.

Consciente da única consciência.

Consciente de que és aquele que procuras. Consciente de que já és aquele que tudo percebe. Levanta os véus de tua alma,

Levanta os véus de teus pensamentos fugazes,

Levanta os véus de tuas emoções rodopiantes,

Levanta os véus de tuas sensações passageiras

E contempla!

Sim,

Contempla a Luz que já habita em Ti,

Contempla a Vida que já defluiu de Ti,

Contempla a ti mesmo no espelho

refulgente de tua consciência!

Tu és teu próprio Nôus!

Tu és teu próprio Pimandro!

Tu és Aquele Que É!”

Capítulo 1

Consciência-eu e Nova Consciência

*O que é a consciência?
Qual é sua origem?
Onde ela se encontra?
Como podemos defini-la?*

É comum o buscador da verdade se perguntar sobre o que é a consciência, sobre a diferença entre a consciência-eu e a nova consciência, sobre a coexistência de duas consciências diferentes que não se comunicam, e sobre como ocorre a transformação da consciência.

Essas perguntas são essenciais para o caminhar na senda, pois a transformação da consciência é a única base sólida sobre a qual qualquer processo de transmutação pode ocorrer.

Para quem está na senda, saber o que é a consciência equivale ao arqueiro enxergar o alvo. Sem a visão do alvo de nada valem o arco, as flechas e a pontaria. Sem conhecer o que é consciência, de nada valem os esforços para transformá-la.

É fácil perceber como nos perdemos no cipó de conceitos do mundo interior, sem saber ao certo o que eles significam. Dessa forma, muitas vezes nos vemos falando a respeito da “demolição da velha consciência” e dos “esforços necessários para o renascimento da Nova consciência”, sem que tenhamos clareza interior sobre o que é a própria consciência.

Esse hábito equivale a um arqueiro lançando flechas ao léu, na vã esperança de que alguma delas, por mero acaso, atinja o alvo almejado que ainda se encontra invisível para ele. Por essa razão, o primeiro esforço de quem está na senda deve ser o de adquirir o conhecimento mínimo a respeito de si mesmo, para que possa, ainda que de maneira um pouco incerta e vaga, enxergar o alvo interior, para só então mobilizar-se e colocar-se a caminho.

No começo, esse conhecimento mínimo necessário virá de uma fonte externa, e será assim um conhecimento de segunda mão. Porém, tão logo o buscador tenha recebido as instruções básicas, ele deverá se esforçar para converter esse conhecimento de segunda mão em um conhecimento de primeira mão, ou seja, em um saber com fundamento em sua própria experiência e em seu próprio reconhecimento interior.

Trataremos aqui de um conjunto de conceitos fundamentais do Ensino Universal, esperando que sejam utilizados como ferramentas de trabalho interior para converter a própria experiência e vivência em sólida base de um conhecimento de primeira mão.

O primeiro conceito fundamental é que em todo o universo existe apenas uma única e una consciência, assim como as águas dos oceanos são apenas uma única e contínua massa da mesma água, que se toca e se interpenetra ao redor de toda a Terra.

O segundo conceito fundamental é que essa consciência una e única se desdobra em espírito e matéria, dando início a toda a manifestação universal de maneira plenamente integrada no todo uno do universo.

A consciência una e única mantém seu reflexo em cada partícula e em cada ser que se manifesta no universo. Assim como cada partícula é tanto uma entidade individual quanto uma parte indissolúvel do mesmo todo uno, assim também a consciência é tanto a força que une o todo quanto a que se manifesta em cada uma de suas partes. Em outras palavras, tudo é um. Todos os seres são ao mesmo tempo a parte e o todo.

Dessa forma, a consciência é a grande força unificadora do universo; que dá coesão, continuidade e unidade a tudo o que existe; que une de maneira indivisível a parte e o todo; que dá uniformidade e continuidade aos infinitos níveis de manifestação no universo, do micro ao macro e, novamente, do macro ao micro; a consciência é a própria imagem do absoluto, projetada como fator de união permanente entre o espírito e a matéria. É referindo-se a isso que Hermes Trismegistos afirma: “Assim como é em cima, também é embaixo.”

O uno, o absoluto, se converte no Logos Tríplice, formando desde uma partícula subatômica até o corpo do universo por meio de três princípios universais indivisíveis: o espírito, a matéria e a consciência que os une.

Até aqui foram apresentados os dois primeiros conceitos fundamentais do Ensino Universal: (1) a existência de uma única consciência em todo o universo, e (2) a consciência como a grande força unificadora do universo.

O terceiro conceito fundamental do Ensino Universal sobre a consciência refere-se aos seus três atributos: identidade, percepção e manifestação, que correspondem às imagens do absoluto, do espírito e da matéria.

Esses três atributos sempre formam a consciência presente desde numa partícula subatômica até no maior agregado de matéria que se possa imaginar em todo o universo.

É justamente o fato de esses três atributos serem sempre os mesmos e estarem presentes em todos os seres que permite que um estado de consciência consiga crescer em direção a outro estado de consciência, maior e mais desperto. Também é por isso que todos esses estados estão interligados como que por um fio invisível que une tudo o que existe e se manifesta, formando um único e indivisível tecido universal – a grande rede que liga tudo o que existe.

Isso garante que a própria divindade, ou o princípio universal, surja, viva, desperte e se torne consciente de si mesma em todas as ondas de vida no universo, até atingir a perfeição e a transcendência em si mesma.

Por essa razão afirma-se que “Deus dorme na pedra, respira na planta, sonha no animal, e desperta no homem”. Esse Deus que dorme, respira, sonha e desperta é a própria consciência una e indivisível, a consciência universal, a grande força que se desdobra a partir do coração do átomo, criando, gerando e impulsionando todas as ondas de vida e os campos de manifestação do universo.

Diante dessa grandiosidade da manifestação da consciência universal, cabem aqui algumas perguntas frequentemente formuladas:

“Se a consciência una é essa força universal onipresente e onipotente em tudo e todos, se ela é a imagem da própria divindade em cada partícula e ser, e acima de tudo, se ela é a força que une e assegura a unidade de todos os seres no universo, então como se explica nosso atual estado de consciência egocêntrico, que gera esse mundo de horrores em que vivemos?

Como se explica esse mundo que criamos, isolado do todo universal, em que nos agrilhoamos uns aos outros, devorando-nos uns aos outros e devastando o nosso cosmo?

Como se explica isso diante de tamanha grandeza da consciência universal?”

Ainda que possa soar surpreendente, nosso estado de consciência e de vida é a consequência lógica e natural da evolução da própria força universal da consciência que, através das diferentes formas de vida, cresce e se eleva até se tornar consciente de si mesma. A consciência universal que, como força aglutinadora do espírito e da matéria, dorme no reino mineral, respira e vive no reino vegetal, e começa a se tornar consciente, como em uma consciência de sono, no reino animal – finalmente está se tornando autoconsciente no reino humano.

Como a consciência universal é a grande força motriz de toda a vida manifestada no universo, quando ela se torna consciente de si mesma - ainda que de maneira embrionária, como na humanidade atual - ela assume o comando da evolução da vida, tornando-se o fator preponderante de todo desenvolvimento. Em um determinado momento de sua história, a espécie humana deixou de fazer parte do desenvolvimento evolutivo automático da natureza e assumiu para si mesma o ônus e o bônus de sua evolução. O Ensino Universal afirma que esse momento marca o surgimento da autoconsciência ou do que chamamos de consciência-eu. Em *Sapiens – Uma Breve História da Humanidade*, o historiador Yuval Noah Harari¹

[1] HARARI, Yuval Noah, *Sapiens – Uma Breve História da Humanidade*. 29a. Edição. Editora Harper, 2011

descreve o surgimento da consciência-eu na espécie humana como a “revolução cognitiva”, uma mudança em nosso estado de consciência que ocorreu há aproximadamente 70 mil anos e que marcou também o surgimento da linguagem e da representação ficcional do mundo. Assim surgiram o mundo e sua história, tal como os conhecemos hoje.

Yuval N. Harari afirma que esse momento marca a separação da espécie humana de sua vida integrada à natureza. A partir desse ponto, o homem passa a viver uma realidade dual, em que a realidade imaginada - a ficção coletiva criada por esse novo estado de consciência - se torna o fator dominante. Isso também explica os mitos de Adão e Eva, e do paraíso perdido do Éden, que representam a perda da vida integrada à natureza. O Ensino Universal associa esse momento a todos os mitos da queda e da criação de uma ordem de vida separada do Todo.

Assim, seja do ponto de vista científico ou do Ensino Universal, o surgimento da autoconsciência no ser humano marca uma mudança em seu desenvolvimento, iniciando a transição de um estado natural de semiconsciência animal para um estado inicial de autoconsciência humana, que denominamos “consciência-eu”. Essa mudança pode ser traduzida como a alteração dos três atributos de seu estado de consciência: a identidade, a percepção e a manifestação.

Vejam as três diferenças básicas entre o estado de consciência de um animal e o de um ser humano autoconsciente. O Ensino Universal explica que a identidade de um animal é coletiva e que suas ações são diretamente explicáveis pelo conjunto de comportamentos coletivos de sua espécie. Esses comportamentos coletivos estão armazenados em seus genes e no campo mórfico coletivo, na memória energética coletiva de sua espécie, que no passado era chamada de “espírito de grupo”. Esse campo mórfico é o reservatório da memória de todos os seres dessa espécie. É seu inconsciente coletivo, aquilo que determina a maneira como todos os seus membros percebem a realidade. Esse é o segundo atributo de sua consciência, a percepção coletiva.

Como consequência, sua manifestação - o terceiro atributo de sua consciência – também se dá através de um conjunto de comportamentos coletivos e altamente previsíveis, apoiados em sua identidade coletiva e em seu campo mórfico coletivo. É assim que funciona a consciência de um animal.

O que ocorre quando um ser se torna autoconsciente? O surgimento da autoconsciência funciona como um ímã gigantesco colocado no interior da própria consciência. Esse ímã faz com que o centro de gravidade mergulhe em si mesmo, como se o centro de toda a vida

passasse a ser seu próprio centro de autopercepção. A consciência deixa de ser centrífuga, integrada com o todo, e passa a ser centrípeta, mantendo o centro no interior de si mesma, em uma tentativa cada vez mais intensa e crescente de integrar o todo a partir de sua própria perspectiva individual.

Esse processo desencadeia mudança nos três atributos da consciência, um processo que isola a consciência, afastando-a da natureza que a gerou. Essa é a origem dos mitos de um paraíso perdido e da criação de uma natureza isolada em si mesma. Vejamos como isso acontece.

Em relação à identidade, o novo estado de autoconsciência gera o fenômeno da identificação, também conhecido como apego ou egocentrismo. Assim nasce o “eu”.

Em relação à percepção, o novo estado de autoconsciência gera um campo mórfico individual, no qual os pensamentos, os sentimentos e as reações se individualizam e particularizam, criando um campo de respiração próprio e autoisolado. Podemos chamar esse fenômeno de ilusão, engano, ou, mais precisamente, de projeção. É assim que surge a “consciência-eu”.

Em relação à manifestação, o novo estado de autoconsciência gera um conjunto de comportamentos individuais autoinduzidos, que ao longo do tempo vão se perpetuando em uma série de automatismos, fenômeno que podemos chamar de repetição. Surge aqui, mediante seus automatismos, a “alma natural”.

Assim, identidade, percepção e manifestação tornam-se identificação, projeção e repetição que, por sua vez, geram o eu, a consciência-eu e a alma natural. Eis aqui, caro leitor, os três pilares da consciência-egocêntrica natural.

Com base nesses três pilares criamos o círculo vicioso em que vivemos, que somente pode ser rompido de dentro para fora, através de uma transformação da consciência gerada pela própria consciência.

Essa transformação da consciência precisa modificar totalmente esses três pilares. É a isso que nos referimos quando falamos da “demolição do eu”, do nascimento de uma nova consciente.

Agora que temos um mínimo de clareza a respeito desses elementos, podemos, no próximo capítulo, mergulhar a fundo nesse processo para compreender como ele deve ser realizado.

ESTADO DE CONSCIÊNCIA

Estado de consciência é estado de vida.

Oh! que possamos ter consciência da nova
era que surgiu no decorrer dos tempos!

A luz matinal surgiu, o dia chegou.

Agora a meditação tornou-se secundária,
pois a ação pura é o bem libertador.

Aquele em quem arde o archote do novo estado
de consciência nada tem a temer, pois estado
de consciência é estado de vida.

Consciência não é posse teórica, mas um arsenal
cheio de possibilidades e forças.

Forças que podem ser empregadas, e
possibilidades, utilizadas.

Aplicação e uso tornam-se então necessidades vitais.

Dirijamo-nos, pois, à festa do fogo em paz, alegria e gratidão, à festa em que o quarto
castiçal é aceso!

E nós o sabemos, nítida e claramente:
estado de consciência é estado de vida.

Estado de consciência é estado vida;
estado de vida é estado sanguíneo;
estado sanguíneo é ação imperiosa
em espontânea atitude de vida.

(Rosa Mystica 51 – Lectorium Rosicrucianum)

Capítulo 2

As novas capacidades orgânicas da nova consciência

A ferramenta da alavanca da consciência, quando bem utilizada, poderá abrir o caminho para a transmutação de todo o nosso ser.

O objetivo inicial da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea¹, referida em outros trechos desta obra simplesmente como “Escola”, é a transformação da consciência. Seu fundador, Jan van Rijckenborgh, no livro *O Mistério Iniciático Cristão - Dei Gloria Intacta*², aludiu a essa transformação como uma mudança fundamental, a base para a realização da transmutação proposta pelo método da iniciação moderna.

No capítulo anterior, vimos que podemos compreender essa transformação como uma mudança nos três atributos da consciência egocêntrica natural, permitindo assim a manifestação da nova consciência. O processo proposto pela Escola para essa manifestação parte do arquétipo mais ancestral e nuclear do ser humano, o princípio absoluto no âmago de seu ser, que denominamos “centelha do Espírito”.

Quando o grau de autoconsciência de um ser humano amadurece o suficiente, ele desperta para o fato de que o núcleo de sua consciência, o núcleo de seu eu, não pode ser a base sobre a qual ele construirá uma nova consciência. É nesse momento que o ser humano se torna um buscador: ele se abre ao toque do absoluto, ao toque da centelha do Espírito em seu ser. Esse toque é a única condição indispensável para dar início ao processo de transformação, pois é o sinal do amadurecimento da consciência e de que um novo desenvolvimento orgânico se tornou possível.

A manifestação de um novo estado de consciência se encontra além da fronteira da consciência egocêntrica natural e somente poderá ser atingida pelo despertar interior, e não como uma evolução natural da estrutura atual da consciência-eu.

[1] A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, ou *Lectorium Rosicrucianum*, fundamenta-se no cristianismo gnóstico e possui fortes influências do catarismo e do hermetismo. Divulga a possibilidade da libertação da roda da vida e da morte por meio de um processo de purificação e subsequente transfiguração - que se inicia com a revivificação da centelha divina adormecida no coração dos homens.

[2] RIJCKENBORGH, J. van. *O Mistério Iniciático Cristão: Dei Gloria Intacta*. 3a Ed. Jarinu, SP: Rosacruz, 2003.

Mergulhemos agora, de forma consciente, em nosso mundo interior para perceber como essa mudança fundamental pode ocorrer. A mudança fundamental desencadeia o surgimento de três novas capacidades orgânicas, as quais permitem que os três atributos fundamentais da consciência funcionem de maneira organicamente diferentes, como se três novos sentidos internos tivessem sido despertados. São eles: a identidade da consciência, a percepção objetiva de si mesma e o poder de manifestação livre e autônoma.

A identidade da consciência é constituída de dois polos: o polo universal e integrado ao todo e o polo individual separado do todo. O estágio atual de nossa consciência é caracterizado pelo fortalecimento do polo individual, que é a condição para que um indivíduo se separe do grupo e se torne consciente de si mesmo, percebendo-se como um núcleo de autoconsciência independente do campo mórfico do grupo ao qual pertence.

Na fase inicial da autoconsciência, o fortalecimento do polo individual da identidade da consciência gera o fortíssimo fenômeno de identificação, um irresistível apego a si mesmo, um processo de total aderência do polo individual da identidade da consciência ao núcleo recém formado da autoconsciência. Nesse estágio, o núcleo da autoconsciência funciona somente a partir de seu polo individual de identidade: seu outro polo – o polo universal e integrado – se torna invisível, desaparecendo totalmente do campo da visão interior da consciência. Em outras palavras, o polo universal e integrado de sua identidade desaparece e apenas seu polo individual e isolado é perceptível.

Desprovida do aspecto universal de sua identidade, a consciência mergulha totalmente na ilusão de sua individualidade, no que chamamos de “eu.” Isso explica todo o egocentrismo, que é a distorção máxima do núcleo da autoconsciência levada a acreditar que sua existência está completamente definida e limitada pela individualidade do eu. O magnetismo do polo individual da consciência torna-se tão grande que pode ser comparado à força de sucção de um buraco negro, força magnética da qual nem mesmo a luz consegue escapar. Por essa razão, somente um quantum muito superior de força gravitacional - uma força muito maior e mais poderosa que emana do polo universal e integrado da identidade da consciência - é que pode reverter o quadro aparentemente sem saída do buraco negro do egocentrismo. Na fase inicial e infantil da autoconsciência, o polo universal e integrado da consciência - a centelha do Espírito - permanece invisível e adormecido, despertando apenas quando o egocentrismo do polo individual da identidade atinge seu limite máximo de saturação.

Se a força gravitacional do eu pode ser comparada à força de um buraco negro, a força que emana do núcleo da identidade universal equivale ao poder gravitacional de todo o universo.

Por isso, todos os grandes do Espírito sempre afirmaram que, para aqueles em quem despertou o núcleo da identidade universal, a centelha do Espírito, o processo de transformação da consciência é irreversível e sempre culminará com a vitória do universal sobre o individual: a vitória final sempre está assegurada. É também por esse motivo que o esforço daquele que segue a senda e que se encontra na fase do nascimento de uma nova identidade nunca é o de suprimir o eu ilusório através dele mesmo – além de ser uma missão impossível, causaria apenas um tolo e inútil sofrimento.

O esforço do aluno da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, realizado conscientemente, consiste em olhar para si mesmo, observar-se, para gradativamente reconhecer aquilo que nele provém de um polo ou de outro de sua identidade. Trata-se do esforço consciente de reconhecer, de um lado, o que provém do poço insondável do buraco negro do eu, cuja força de sucção irresistível busca tragar tudo e todos ao seu redor em uma insaciável ânsia por segurança e auto-afirmação e, de outro lado, o que nele provém do outro polo de sua identidade, o polo universal e integrado, não identificado, do absoluto, da centelha do Espírito.

Esse é o primeiro e mais importante dos esforços da consciência. Nesse esforço reside o segredo de toda a transformação, razão pela qual esse deve ser o esforço constante do buscador, para que seu caminho ou discipulado avance na senda da transfiguração.

O primeiro atributo da consciência, o atributo da identidade, atua como um poderoso fio condutor de energia. Porém, a energia da consciência nunca é neutra: ela é sempre polarizada, isto é, funciona a partir de um sentido, de uma orientação, de um direcionamento. Isso significa que o quantum de força necessário para transformar a consciência não provém da insistência em mudar algo de maneira forçada a partir de um sentido ou de uma orientação que claramente não funciona. Seria como insistir em fazer o dobro de força para levantarmos um peso que está além de nossa capacidade.

O esforço necessário é de outra natureza. Ele consiste em perceber que, dentro de nós, já existe uma força infinitamente superior, força que é capaz de realizar feitos inimagináveis para o polo individual e identificado de nossa identidade. Para que essa outra força entre em ação, a polarização, isto é, a orientação do fluxo de nossa energia, precisa mudar. E isso pode ser feito através da mudança de orientação de nossa identidade.

Para facilitar o entendimento do que estamos dizendo, comparemos nossa consciência a uma alavanca constituída de três partes: a parte mais longa da haste, a parte mais curta e o ponto de apoio que divide a haste em duas. Neste exemplo, podemos imaginar que:

1. a parte longa da haste é o polo universal de identidade da consciência,
2. a parte mais curta é o polo individual de identidade,
3. e o ponto de apoio é o núcleo da autoconsciência.

Qual seria a posição da alavanca num estado de consciência individual e qual seria seu poder de mover a grande pedra de seu próprio estado de consciência? Poderíamos vê-la como uma grande e longa alavanca, com um ponto de apoio totalmente deslocado para um de seus lados, posicionado quase em um dos limites de sua haste.

Imagine agora que você deseje mover uma pedra gigantesca com essa alavanca. Se você colocar a parte longa da alavanca sob a pedra, trazendo assim o ponto de apoio para perto de si, mesmo utilizando toda a sua força sobre o lado menor da alavanca, não conseguirá mover a pedra nem um milímetro sequer!

Porém, se consciente da importância da orientação da alavanca, você colocar sua haste menor sob a pedra, afastando o ponto de apoio de si e apoiando-se sobre a haste maior da alavanca, a pedra lhe parecerá uma pluma e você a moverá quase sem esforço.

Partindo do princípio de que a pedra e a alavanca não mudaram, o que causou resultados tão diferentes entre as duas situações? Trata-se da orientação da alavanca e a posição do ponto de apoio. Um processo análogo ao que acabamos de descrever ocorre com a transformação da consciência.

O princípio que permite a transformação da consciência é, em essência, tão simples quanto o exemplo da alavanca. Se tentamos realizar a mudança da consciência colocando todos os nossos esforços sobre o polo individual da identidade da consciência (o eu representado pela haste menor), podemos nos esforçar ao máximo, mas a pedra de nosso estado egocêntrico de consciência não se moverá um milímetro sequer. Porém, se reconhecemos o outro polo que já se tornou ativo em nós, o da identidade universal e integrada, do absoluto, da centelha do Espírito, representado pela haste maior, e temos a coragem de nos deixar guiar pela poderosa força que dele emana, podemos mudar a polaridade de nossa identidade, reorientando nossa consciência.

Desse modo, já não tentamos mover a pedra pelo lado do eu, que desesperado se esforça para realizar a tarefa da centelha do Espírito. No exato momento de lucidez interior, em que percebemos a loucura de nosso comportamento eu-centralizado, já estamos mudando o sentido da alavanca de nossa consciência. Colocamos a haste menor da alavanca, nosso eu, como um servidor sob a realidade dura como pedra, firmamos o núcleo de nossa

consciência sobre o solo da realidade e não sobre nossas fantasias e, sobre ele aplicamos a força incomensurável da haste maior da alavanca de nossa consciência: a força da centelha do Espírito. E, assim, maravilhados, vemos como a pedra de nosso estado de consciência se move e se transforma.

O segredo de toda a senda, de todos os mais elevados mistérios, é reconhecer as duas fontes de identidade, os dois lados do primeiro e mais importante dos atributos da consciência. A partir da razão superior, que permite o fluir da força infinita da identidade universal, a identidade individual se torna capaz de transformar a si mesma.

Acaba de ser descrita a primeira nova capacidade orgânica da consciência, que é a única e sólida base da construção interior. Trata-se do verdadeiro discernimento, o autoconhecimento, que é a capacidade de reconhecer, a cada instante, qual o polo da identidade da consciência nos move. Quando essa primeira nova capacidade orgânica é conquistada, ela permite que as duas outras capacidades também se manifestem.

A nova força proveniente da centelha do Espírito dá à consciência a capacidade de discernir, de perceber os infinitos véus de suas próprias projeções e, assim, passo a passo, ela se liberta do ciclo vicioso de seus infinitos pensamentos, sentimentos e reações. Nasce então a segunda nova capacidade orgânica da consciência, que é a percepção objetiva de si mesma.

A força da nova identidade, unida agora à nova percepção objetiva, permite à nova consciência manifestar sua terceira nova capacidade orgânica: o poder de manifestação livre e autônoma.

Os automatismos de seus comportamentos repetitivos e condicionados gradativamente cedem a um funcionamento totalmente novo dos três atributos da consciência. A força para uma nova atitude diante da vida brota espontaneamente na consciência do buscador: uma força que permite que ele se transforme em um verdadeiro servidor da Luz. Assim nasce a nova consciência.

Agora propomos que o leitor reflita sobre sua capacidade de reconhecer os diferentes polos da consciência em si: qual polo de sua consciência predomina sobre as situações que se colocam em seu dia-a-dia, e se tem a coragem de colocar a consciência individual do eu a serviço da consciência universal do absoluto em si.

Garantimos que nenhuma solução mirabolante cairá dos céus sobre seu colo. Porém, podemos lhe assegurar que, se encontrar a coragem de aplicar a orientação correta de sua consciência sobre todas as questões recorrentes de sua vida, de sua atitude e de seus hábitos, todas elas cederão docilmente a seu tempo. E, assim como a grande pedra de nossa consciência-

eu necessariamente cede à irresistível força do Espírito, tudo se dará da única maneira correta, sobre a alavanca de nossa consciência em transformação. Que tenhamos a coragem de fazer aquilo que sabemos que precisa ser feito!

SOBRE A TRIVIALIDADE

Pergunta: Com o que a mente deveria se ocupar?

Krishnamurti: Eis um exemplo muito bom de como se faz surgir o conflito: o conflito entre o que deveria ser e o que é. Primeiro estabelecemos o que deveria ser, o ideal; e depois tentamos viver de acordo com esse ideal. Dizemos que a mente deveria ocupar-se com coisas nobres, com a bondade, com o amor. Isso é o ideal, a crença, o que “deveria ser”; e tentamos viver em conformidade com isso. Coloca-se em movimento um conflito entre a projeção do que deveria ser e a realidade, o que é; e através desse conflito esperamos transformar-nos. Mas o que é importante: o que “deveria ser” ou o que é? Com o que se ocupa a nossa mente, em realidade? Com trivialidades, não é assim? Com a nossa aparência pessoal, a ganância, a inveja, a murmuração. Não se trata, pois, de saber com o que a mente deveria se ocupar, mas isto: pode a mente libertar-se das trivialidades? Conhecemos as nossas próprias trivialidades: conversa incessante, preocupação e assim por diante. E isso pode ser transformado? Esse é o problema, não é? Perguntar com o que a mente deveria se ocupar, não é outra coisa que se não falta de maturidade. Ora, dando-me conta de que minha mente é trivial e que se ocupa com trivialidades, pode ela libertar-se desta condição? Será que a mente não é trivial por sua própria natureza? O que é a mente, e o resultado da memória? De como sobreviver, não só física mas psicologicamente através do desenvolvimento de certas qualidades e virtudes, de reafirmação de si mesma em suas próprias atividades. E o que se pode fazer para libertar de sua própria banalidade? Pode-se fazer alguma coisa? Pode a mente, que é atividade egocêntrica, libertar-se dessa atividade? É óbvio que não pode; qualquer coisa que faça, continua a ser trivial. Pode especular sobre Deus, pode conceber sistemas políticos; mas a sua mudança continua a ser de lembrança em lembrança, continua amarrada por sua própria limitação. E pode a mente acabar com essa limitação? Ou essa limitação desaparece quando a mente está serena, quando não está ativa, quando reconhece as suas próprias trivialidades, por maiores que as tenha imaginado? Quando a mente, tendo visto as suas trivialidades, se dá plena conta delas e por isso silencia realmente, só então existe uma possibilidade de essas trivialidades desaparecerem. Mas enquanto você perguntar com o que a mente deveria se ocupar, ela estará ocupada com trivialidades, seja a construção de uma igreja, a dedicação à oração ou a visita a um santuário. Vocês têm que compreendê-la, a mente tem que reconhecer as suas próprias atividades; e no processo desse reconhecimento, na alerta percepção das trivialidades que

consciente ou inconscientemente ela tem apoiado, a mente silencia. Nessa quietude existe um estado criador e este é o fator que traz a transformação.¹

[1] KRISHNAMURTI, Jiddu, A Simplicidade, a Superficialidade e a Trivialidade.

Capítulo 3

Conflitos e contradições

*Precisamos trazer Luz à escuridão!
Na Luz, consciente e subconsciente se fundem e formam uma nova
unidade, aberta, transparente, invulnerável.
Então contemplaremos a Pedra Filosofal!
Aí está o laboratório alquímico de todas as épocas.
É nesse laboratório que se encontra o material de construção do Novo
Homem.*

O objetivo dos próximos capítulos resume-se nas palavras de Krishnamurti, as quais podemos traduzir da seguinte maneira: o ser humano vive uma vida contraditória, projeta uma coisa, sente outra e realiza outra totalmente diferente. Essa vida de contradições, explicada por Krishnamurti como o conflito entre o que deveria ser e o que é, faz o ser humano andar em círculos, aprisionado em suas próprias projeções da realidade.

Neste pequeno capítulo propomos que o leitor faça as seguintes reflexões:

Projeto uma realidade aparente em minha vida, e vivo outra totalmente diferente?

Percebo que sempre projeto minha felicidade e bem estar no exterior, em pessoas ou situações, e isso muitas vezes entra em conflito com o que realmente vivo?

Gostaria de mudar minha vida de modo a resolver as aparentes contradições e harmonizar aquilo que deveria ser com o que de fato é?

Percebo que minha mente se perde em trivialidades e dessa maneira não consigo silenciar interiormente?

Percebo a agitação constante de meus pensamentos, sentimentos e desejos, que me levam de um lado para outro como um barco à mercê da tempestade?

Para responder a essas e outras perguntas é preciso utilizar ferramentas interiores e buscar dentro de si mesmo a compreensão do que deve ser feito para que uma verdadeira mudança aconteça em nossas vidas. A chave para a mudança encontra-se dentro de nós. Para perceber essa chave e saber como usá-la, é preciso aprender a silenciar: silenciar os pensamentos, sentimentos e desejos para perceber a voz sutil de uma realidade totalmente nova que está a nosso alcance.

Que esta obra possa auxiliar o leitor a encontrar esse silêncio interior e perceber o que precisa ser transformado, o que precisa ser demolido e construído, dissolvido e reagrupado ou, nas palavras dos antigos alquimistas: realizar o solve et coagula, o dissolver e coagular.

O processo de dissolução consiste em colocar solvente em algo, visando sua dispersão, decomposição ou desagregação. Solucionar um problema consistiria, assim, em colocar um solvente nesse problema para dissolvê-lo ou, como se diz, resolvê-lo. Já o processo de coagulação consiste em colocar um agente coagulador em algo, visando a aglutinação de sua estrutura.

E qual seria o agente de dissolução e coagulação a ser usado em nossas vidas? Esse é o segredo dos alquimistas modernos! O agente solvente ou coagulador a ser utilizado é a consciência transformada por uma força que já se encontra em nós. Isso exige um mergulho interior em direção ao verdadeiro silêncio. É preciso evitar os pensamentos e as conversas sem sentido, a problemática de nosso dia a dia, a agitação que conhecemos tão bem.

Que durante a leitura dos próximos capítulos possamos vivenciar a verdadeira quietude e experimentar o que está descrito nas palavras de Krishnamurti: “Nessa quietude existe um estado criador, e este é o fator que traz uma transformação”.

CANTARES

Tudo passa e tudo fica
porém o nosso é passar:
passar fazendo caminhos – caminhos sobre o mar
Nunca persegui a glória nem quis
deixar na memória dos homens
minha canção
Eu amo os mundos sutis, leves e gentis,
como bolhas de sabão

Gosto de vê-las pintar-se de sol e granada
voar abaixo do céu azul, tremer
subitamente e quebrar-se...
Nunca persegui a glória

Caminhante, o caminho
são tuas pegadas e nada mais.
Caminhante, não há caminho!
O caminho se faz ao caminhar
Ao caminhar se faz o caminho
E, ao voltar a vista atrás, se vê a senda
que nunca se há de voltar a pisar
Caminhante, não há caminho:
somente marcas no mar...

Faz algum tempo neste lugar
onde hoje os bosques se
vestem de espinhos
que alguém ouviu a voz de um
poeta gritar:
“Caminhante não há caminho!
O caminho se faz ao caminhar”...

Golpe a golpe, verso a verso...

Morreu o poeta longe do lar:
cobre-lhe o pó de um país vizinho.
Ao afastar-se, vieram chorá-lo
“Caminhante não há caminho!
O caminho se faz ao caminhar...”

Golpe a golpe, verso a verso...

Quando o pintassilgo não pode cantar.
Quando o poeta é um peregrino.
Quando de nada nos serve rezar.
“Caminhante não há caminho!
O caminho se faz ao caminhar...”

Golpe a golpe, verso a verso.

(Antônio Machado) Epigrama XXIX do livro Provérbios e Cantares
Tradução de Fabio Malavoglia

Capítulo 4

O caminho da Rosacruz Áurea: preparação, trabalho, e realização

Quando a mente, tendo visto suas trivialidades, se dá plena conta delas e por isso silencia realmente, só então existe uma possibilidade de essas trivialidades desaparecerem.1

O processo de transformação da consciência proposto pela Rosacruz Áurea pode ser dividido em três etapas: preparação, trabalho e realização. O objetivo desse caminho é a manifestação plena da autoconsciência e a transcendência da consciência egocêntrica para uma consciência espiritual, transformando assim todos os aspectos da vida. Quando falamos de “espiritual”, “espírito” e temas relacionados, estamos nos referindo a uma força de ideação que impulsiona tudo à atividade, uma força não egocêntrica que desconhece qualquer separação, pois está unida ao todo como uma consciência universal.

O primeiro degrau do caminho espiritual é a preparação. Um dos aspectos dessa preparação é o conhecimento da filosofia e da proposta de trabalho da Escola, quando se adquire uma série de novos conceitos e ideias sobre a vida e sobre a transformação que pode ocorrer na consciência e na própria vida ao se trilhar um caminho espiritual.

Obviamente, todos nós temos uma maneira própria de enxergar a vida, de acordo com a cultura em que nascemos, com a educação que recebemos, com os princípios familiares e religiosos que adquirimos. Assim, é natural que nos aproximemos de uma nova filosofia comparando seus ensinamentos aparentemente novos com o que já conhecemos.

Dizemos “aparentemente” porque estes não são ensinamentos novos, já que tudo aquilo que falamos na Escola foi abordado no passado de diversas maneiras, em linguagens apropriadas à consciência das pessoas em diferentes épocas e locais. Assim, podemos dizer que o ensinamento da Escola tem ligação direta com os ensinamentos de várias escolas e enviados do passado, como Hermes Trismegisto, Lao Tsé, Buda e muitos outros. No Ocidente, o cristianismo gnóstico original é o elo mais conhecido dessa corrente.

Neste exato instante, estamos provavelmente comparando tudo aquilo que achamos que sabemos, ouvimos ou estudamos com aquilo que lemos agora. A partir daí classificaremos

[1] KRISHNAMURTI, op. cit.

os conceitos, por exemplo, entre aqueles que concordamos, aqueles que não concordamos e aqueles que nos parecerão contraditórios.

Mas, seja qual for o caminho que trilhemos, sempre que aprendemos algo novo vivenciamos a fase preparatória, que é a compreensão do ensinamento. Essa compreensão, porém, tem valor apenas quando nos leva efetivamente a uma mudança de consciência e de comportamento.

Qualquer ensinamento só tem real valor quando é transformado em ação. Assim, por mais que estudemos uma filosofia de vida, seu valor só se prova na prática, razão pela qual não devemos simplesmente conhecer, mas também buscar transformar em realidade concreta aquilo que acreditamos ser verdadeiro. Daí surge a segunda fase: o trabalho interior, o esforço e a luta para transformar a teoria em prática.

Muitos acreditam erroneamente que, para dar início ao trabalho interior, é preciso estar totalmente preparado, isto é, compreender plenamente todos os ensinamentos e estar com a vida suficientemente acomodada. Ocorre que esse momento ideal não passa de uma ilusão. Aguardar por esse momento faria da filosofia de vida nada mais que um belo ideal, incapaz de cumprir sua tarefa mais importante, que é a transformação da consciência e, por meio dela, da própria vida.

Somente um esforço sincero neste mesmo instante, no presente vivo, permitirá a realização efetiva do caminho. Desse modo, transformaremos a teoria em realidade, após a vitória sobre inúmeros obstáculos.

A etapa seguinte do caminho é a realização plena, a transformação da própria vida a partir da transformação da consciência. É a colheita de todo o trabalho interior de autotransformação, que é uma nova condição psíquica e estrutural.

Como vimos, a consciência da maior parte da humanidade atual é egocêntrica, tendo como base um eu, um sentido de identidade separado do todo. A autoconsciência está, assim, aprisionada nas malhas da identificação, do apego e do egocentrismo. Essa consciência se desenvolve a partir do momento em que uma consciência passa a perceber a si mesma. Mas, para avançar em seu desenvolvimento, a humanidade precisa transcender essa condição.

No estado egocêntrico, em que tudo está direcionado para nossos eus ou consciências-egocêntricas, o mundo exterior constitui um espaço de objetos separados, onde nos movimentamos e agimos com nosso corpo (que é um desses objetos) ao longo do tempo, ou seja, do passado para o futuro. A consciência egocêntrica divide o espaço universal em fragmentos separados, sejam grãos de areia ou galáxias, e a eternidade do eterno presente em outros fragmentos, sejam segundos ou eras.

É natural, portanto, não questionar a seguinte compreensão que temos do mundo: eu existo separadamente de todo o resto dos outros objetos que constituem o universo. Eu conheço esse universo exterior através de meus sentidos e me perpetuo como eu através do tempo de minha vida e mesmo além dela.

Mas não paramos aí: também percebemos os pensamentos, sentimentos e vontades como objetos, ainda que pareçam ser gerados por nós ou por esse eu que percebemos como nossa verdadeira identidade e que parece habitar nossa cabeça. Por isso dizemos: “eu penso”, “eu sinto”, “eu quero”, etc. Em nosso campo morfogenético individual, os pensamentos, sentimentos e reações se particularizaram e isolaram, criando uma realidade dividida e separada do todo.

Dessa forma, tudo o que conhecemos da manifestação universal, do mais sutil ao mais concreto, do aglomerado de galáxias ao mundo subatômico, é apenas o que filtramos de uma realidade multidimensional através de nossos sentidos e de nossa consciência iludida nas malhas do egocentrismo.

Esta realidade parcial pode ser conhecida e descrita pela consciência egocêntrica, que tudo divide e categoriza. Isso tem valor, claro: a ciência, por exemplo, só se desenvolveu graças ao desenvolvimento desse tipo de percepção. No entanto, a totalidade da manifestação universal, em sua unidade, não pode ser nem conhecida nem descrita dessa forma.

Talvez possamos perceber que há algo errado com essas impressões. Em primeiro lugar, podemos dizer que toda a nossa compreensão da realidade se resume em memórias do passado e antecipações do futuro. As antecipações também são um subproduto da memória, porque imaginamos o que será com base no que foi: ora vivemos lembrando o passado, em alguns casos lamentando que ele não pode voltar e em outros culpando-o pelo que somos hoje; ora vivemos projetando nossa felicidade no futuro, pensando que tudo será melhor quando tivermos isso ou aquilo, ou quando alguma situação projetada se concretizar em nossas vidas.

Todavia, tanto as memórias quanto as antecipações constituem realidades percebidas no presente. O sentimento de que caminhamos do passado para o futuro só pode ser confirmado pela memória, pois a única percepção possível ocorre no presente. Mas a memória nem sequer é confiável, como nossa experiência pode mostrar.

Tudo isso é tão natural em nossas vidas que nem mesmo questionamos se é possível uma forma de consciência e percepção diferentes, ainda que muitas vezes reconheçamos nossas limitações. Por exemplo, aparentemente habitamos um local firme, estático, uma terra ao redor da qual o sol, a lua, os planetas e as estrelas fazem suas órbitas, mas sabemos que não é bem assim.

Muitos problemas surgem por causa de nossa percepção limitada da realidade. Como nos percebemos como seres separados de todo o resto, vivemos para nossos objetivos próprios e não levamos em consideração as consequências de nossos atos, muitas vezes prejudiciais aos outros seres humanos e à natureza. E por mais que tentemos superar esse estágio através do cultivo da bondade, se não houver uma mudança fundamental na própria estrutura da consciência, continuaremos essencialmente egoístas.

Aqui nos deparamos com um ponto muito importante do tema: nossos conflitos, que são as contradições de nossa vida, surgidas de uma consciência voltada para o próprio ego. A realidade dual e separada que percebemos, com suas inúmeras divisões e contradições, é o espelho da consciência egocêntrica, que projeta sua própria cisão interna no mundo externo. Vivemos um mundo separado por religiões, filosofias, países, partidos políticos e ideologias, porque nossa consciência egocêntrica dividiu a realidade uma dessa forma. É a divisão interna entre o que pensamos, sentimos e fazemos que gera toda a divisão que percebemos no mundo exterior.

Como podemos ir além dessa consciência egocêntrica e avançar rumo à consciência da unidade? Como podemos voltar-nos para o polo universal e integrado, mas sem negar os frutos positivos da autoconsciência, a liberdade e a autonomia? Como podemos mudar nossa vida em direção a isso?

Não é verdade que todos já estamos de certa maneira saturados de conhecimentos e de teorias? Não é fato que o que buscamos é algo concreto, o método que nos permita avançar para uma mudança real?

Somente a ação, a realização, pode trazer resultados libertadores. Se ficamos apenas na discussão de conceitos, na compreensão intelectual, na aceitação ou rejeição de ideias e filosofias, continuamos praticamente os mesmos que sempre fomos, e somente transitamos de uma filosofia para outra, de uma compreensão teórica do universo para outra, mas sem alterar nada de fundamental em nossas vidas.

Para auxiliar a compreender o “como”, o método, o caminho proposto foi citado o texto de Jiddu Krishnamurti na abertura do capítulo 3, que repetimos:

Quando a mente, tendo visto as suas trivialidades, se dá plena conta delas e por isso silencia realmente, só então existe uma possibilidade de essas trivialidades desaparecerem. Mas enquanto você perguntar com o que a mente deveria se ocupar, ela estará ocupada com trivialidades, seja a construção de uma igreja, a dedicação à oração ou a visita a um santuário.

Vocês têm que compreendê-la, a mente tem que reconhecer as suas próprias atividades; e no processo desse reconhecimento, na alerta percepção das trivialidades que consciente ou inconscientemente ela tem apoiado, a mente silencia. Nessa quietude existe um estado criador e este é o fator que traz a transformação.²

A chave para avançar da teoria para a prática se encontra neste ensinamento: a mente tem que reconhecer suas próprias atividades, suas projeções. Precisa estar alerta e, nesse estado de alerta, silenciar. É nesse silêncio interior que percebemos dentro de nós uma força não egocêntrica latente, esperando ser despertada, a força de centelha do Espírito, o princípio de ideação que move e une tudo o que existe, o princípio absoluto no âmago do ser.

A centelha do Espírito se manifesta no silêncio. Mas esse silêncio é muito mais profundo do que simplesmente calar-se, pois esse silêncio é em si percepção pura, sem conceituação ou julgamento. Esse silêncio, essa quietude, é perceber as situações em que nos encontramos exatamente como são. Perceber como nossos pensamentos, sentimentos e desejos nos levam de um lado para o outro, guiando-nos em direção a uma atitude ou outra.

Essa percepção pode se dar em qualquer momento em que, graças à atividade da consciência, abrimos espaço no turbilhão mental e emocional habitual: espaço entre dois pensamentos, silêncio emocional entre uma emoção e a próxima, uma parada entre uma ação inconsciente e outra.

Esses espaços podem ser criados em qualquer instante, por exemplo, no meio do tráfego intenso, em que usualmente nos deixamos envolver pela ansiedade. Por um instante, podemos perceber as forças que nos impulsionam e com as quais nos identificamos e, através dessa percepção, romper esse movimento e parar esse jogo, ainda que por alguns segundos.

Talvez essas paradas sejam suficientes para perceber que aquela ansiedade não é um impulso inteligente, mas cego, que nos empurra de uma ação inconsciente para outra. É possível perceber até que essa ansiedade não nos pertence, que ela é uma simples programação mental e emocional inútil. Essa percepção, por si só, abre um pequeno espaço de silêncio, que abre mais espaço para percepção.

Se realizamos essa tarefa em grupo, nos reunindo para refletir sobre essas coisas e nos dedicando a enxergar a realidade do que somos, sem subterfúgios, a partir do silêncio interior, podemos também criar um espaço coletivo de silêncio e de autopercepção. Em um espaço assim, é criada uma atmosfera coletiva de natureza especial, em que a centelha do Espírito

[2] KRISHNAMURTI, op. cit.

pode despertar e se manifestar. Nesse caso, contamos não apenas com nossa própria força individual, mas com as forças de todo o grupo.

Nesses momentos especiais, já não há separação no espaço e no tempo. Não há projeções sobre o futuro nem todo o fardo do passado. Não há tampouco separação entre seu eu e o do outro, entre a consciência individual e a consciência do todo. Não há conceitos para serem comparados, aceitos ou rejeitados, pois não são os conceitos que importam mais, mas sim a vivência do agora.

Com base nessas vivências, podemos retornar ao dia-a-dia complicado e vivenciar as experiências com uma consciência mais clara dos impulsos que nos movem a cada instante. Isso possibilita cortar o circuito de ações inconscientes habituais que, muitas vezes, nos conduzem a contradições internas e a conflitos.

No próximo capítulo serão abordados em maiores detalhes a origem dessa cisão interna e as ferramentas que podem auxiliar a resolvê-la.

RENÚNCIA E PERCEPÇÃO SUPERIOR¹

Quando uma pessoa renuncia a todos os desejos engendrados pela mente, obtendo contentamento unicamente no ser real, ela alcança a consciência espiritual.

Aquele que é desapegado em tudo e que nem se alegra nem sente repugnância diante desta ou daquela experiência boa ou ruim, vive da consciência espiritual.

Para aquele que usa o corpo como uma veste, os objetos desaparecem, mas não o sabor. Após a percepção superior, o sabor também desaparece.

Entretanto, os sentidos agitados conseguem arrastar à força até mesmo a mente da pessoa que tem discernimento e ação renovados.

Controlando todos os sentidos, unido e atento a Mim, ele se sente bem, pois a consciência espiritual dos que têm os sentidos sob controle encontra-se bem estabelecida.

Quando uma pessoa contempla os objetos, nasce o contato direto com eles. Desse contato, brota o desejo; do desejo, produz-se a ira.

Da ira vem a confusão; da confusão, a perturbação da memória; da perturbação da memória, a destruição da faculdade da sabedoria.

Com a destruição da faculdade da sabedoria, o homem se perde.

Sem conexão com o divino, não há consciência espiritual. Sem essa conexão, não há realização. Quem não alcança essa realização não tem paz. De onde poderia vir a felicidade para quem não tem paz?

Aquele que, deixando para trás os desejos, movimenta-se sem nada ansiar, sem a ideia de “meu”, sem o sentido do ego – este sim aproxima-se da paz.

Esse é o estado de Brahma, o Espírito Universal. Quando alcança esse estado, o homem não é mais iludido. Quando repousa nele, até mesmo na última hora, ele alcança a fusão com o fundamento universal.

[1] Bhagavad Gita.

Capítulo 5

O processo alquímico do *solve et coagula*

*Que a Luz de uma nova consciência possa brilhar em nós e através de nós!
Que essa Luz possa nos conduzir em direção a uma nova atitude de vida:
uma atitude de vida não egocêntrica e voltada para o UM: o UM que é tudo
em todos.*

No capítulo anterior foi explicado como as contradições atuam em nossa vida. Neste capítulo, este assunto será aprofundado.

O que vem a ser “contraditório”? Seria como dizer uma coisa, acreditar nela e agir de maneira diferente? Nesse sentido pode-se dizer que somos seres contraditórios por natureza, pois na maioria das vezes aquilo em que acreditamos tem relação com uma projeção, uma idealização, e aquilo que fazemos mostra nosso real estado de consciência.

A maioria dos seres humanos tem o desejo de fazer o bem, de ser uma boa pessoa e de amar todos os seus semelhantes. Na prática, todavia, muitas vezes se observa o contrário disso: a intolerância, o preconceito, a raiva. Exemplos disso são comuns no cotidiano, e se refletimos sobre nosso dia a dia, percebemos quão frequentemente as contradições regem nossas vidas.

As consequências dessas contradições podem ser claramente percebidas: cada vez que pensamos ou falamos sobre algo e agimos de modo diferente do que pensamos e falamos, isso afeta nossa saúde física e mental de forma consciente ou inconsciente.

Aqui está o cerne do drama da humanidade: o ser humano pensa uma coisa, sente outra e age de maneira diferente do que pensa e sente. Isso seria como se entrássemos no banheiro para tomar um banho e ao acionarmos o chuveiro, ao invés de sair água acendesse o fogão. Pode-se imaginar o caos que seria nosso dia a dia se as coisas acontecessem dessa maneira. Pois é exatamente isso que causamos a nós mesmos.

O ser humano foi criado para perceber em si mesmo a unidade de tudo que existe, e, a partir dessa percepção, transformar as aparentes contradições em um caminho de aprendizado e de transformação de sua própria vida. Para que isto se realize, ele deve parar de viver uma vida contraditória, devendo ser aquilo em que acredita e sobre o que fala. Embora seja bastante simples de entender, isso não acontece no momento da realização porque estamos acostumados a projetar e idealizar coisas que acontecem somente em nossa cabeça: a vida ideal; o emprego dos sonhos; o parceiro ou parceira perfeitos; o conto de fadas que esperamos,

um dia, ver realizado como por encanto. Olhe para sua vida agora. Não é exatamente isso que você faz? Veja agora diante de seus olhos suas projeções. Não é verdade que estamos sempre projetando e esperando que amanhã seja melhor? Não é fato que você pensa que sua vida pode não estar ideal, mas assim que tiver aquele emprego, aquela pessoa, aquela situação, tudo ficará bem?

Projetamos constantemente e na mesma intensidade somos confrontados com a dura realidade, bem diferente daquela imaginada. Muitas vezes gastamos tempo e energia tentando adaptar as coisas e pessoas ao nosso redor para que elas se adequem à nossa projeção e, ao falharmos, colocamos a culpa nelas ou em nossa falta de sorte, destino ou carma e começamos tudo de novo, sem buscar as causas interiores dessa frustração.

Não se trata de simplesmente aceitar as coisas como são e não tentar mudar aquilo que parece não estar funcionando. Precisamos focar naquilo que pode e deve ser transformado, ou seja, nós mesmos. Devemos parar o fluxo das contradições em nossa vida e, a partir daí, transformar nossa realidade interior. Dado que o mundo exterior é o reflexo do nosso mundo interior, no momento em que mudamos nossa realidade interior toda a nossa vida acompanhará essa mudança. Quando aplicamos esse mesmo princípio de solve et coagula em nossas aparentes contradições, nos libertamos das aparentes correntes que nos prendem e, assim, transformamos nossa vida.

Como foi dito nos capítulos anteriores, devemos utilizar a força que recebemos do Espírito - a mais elevada que existe - para que essa libertação se torne real. A força do Espírito é uma força não egocêntrica, que está unida ao todo e não conhece separação alguma, pois impulsiona tudo o que existe à atividade e à manifestação.

Essa força do Espírito está em nós mesmos. Basta nos lembrarmos de quantas vezes nos perguntamos “qual é o sentido da vida?”, “por que existo?”, “qual é minha origem, e qual é o meu destino?”. Esses questionamentos são reflexo do impulso do Espírito em nossa consciência. Uma imagem refletida num espelho não é o objeto, mas uma representação dele. Essas perguntas são um reflexo, uma representação do Espírito em nós. Elas indicam que o Espírito está tentando nos dizer algo; mas como nossa consciência ainda não se elevou ao campo espiritual, esse impulso, também espiritual, vem e nos toca por outra via: pelo caminho da busca e da pesquisa.

O leitor deve estar se perguntando por que nem todas as pessoas se fazem essas perguntas, e por que somente algumas querem desvendar esse enigma. A resposta é simples: algumas pessoas passaram por experiências de vida que as fizeram partir em busca de uma resposta

para essas questões. Esse é um processo natural: a vida é como uma grande sementeira em que algumas sementes germinam antes das outras. Mas todas, um dia, germinarão.

Se estivermos cômnicos e certos de que o Espírito nos fala, estaremos próximos de desvendar o segredo dos alquimistas e de dissolver as contradições da vida. O passo seguinte será, então, a aplicação do solve et coagula em nossa vida diária.

Começemos pelo solve. Imaginemos um dia comum. Estamos indo para o trabalho e tudo está bem. De repente algo acontece que nos transtorna, seja uma situação no trânsito, uma ligação telefônica indesejada, um pensamento que nos assalta, um sentimento que nos inquieta, ou qualquer circunstância que altere nosso estado de ânimo. Via de regra vamos passar um tempo nesse novo estado até que ele se seja substituído por outra divagação, outro pensamento, outra reação, ao invés de ser efetivamente dissolvido.

Se nesse preciso momento ousamos romper esse processo já tão automático e apenas observamos que estamos sendo levados por aquela reação, pelo pensamento ou pelo sentimento, nessa fração de segundo abrimos nossa consciência para um campo de percepção que está acima da conexão entre nossa consciência e nossas reações, ou pensamentos ou sentimentos. É exatamente isso que entendemos por “apenas observar”. E isso é difícil! Afinal, imediatamente acrescentamos outros ingredientes à percepção: nosso julgamento, nossas justificativas, nossas pré-concepções. Quase sempre acrescentamos algo que faz o pêndulo da consciência oscilar entre o ver positivamente ou ver negativamente, julgar para o bem ou julgar para o mal.

Vamos imaginar que você consiga, nem que seja uma única vez, olhar de maneira completamente neutra para uma reação, um sentimento ou um pensamento. Nesse momento, sua consciência ganha amplitude, pois não reforçou seus mecanismos pré-estabelecidos. Ao ter essa fração de autopercepção livre, ainda que ela dure um único segundo, você ficará surpreso ao perceber como seu interior de fato funciona. Ou seja, você não recai no conflito citado no capítulo anterior, entre o que pensamos ou imaginamos que somos e o que de fato somos, pois a observação neutra, sem julgamento, não entra em conflito com nada nem ninguém, nem com você mesmo!

Esse é o primeiro passo: observar sem julgar. O passo seguinte é a iluminação da observação neutra através da indagação: nossas reações nos aproximam ou nos afastam do caminho da busca espiritual?

Novamente, sem argumentar ou justificar, afastando a subjetividade e observando objetivamente, averiguamos se essa nossa reação, sentimento ou pensamento está de acordo

com a energia desconhecida, mas intuída, que nos impulsiona para a busca espiritual; então nesse momento nossa consciência ganha um pouco de amplitude, ainda que a neutralidade seja mínima. Nesse microinstante de avaliação neutra, nossa consciência é impulsionada pela força que está em nossa busca espiritual. Dito de outra maneira: nossa consciência é impulsionada ou sustentada pelo Espírito que está em nós.

Esse processo é lento, pois o automatismo e os comportamentos de automanutenção existentes falam muito alto! Mas lento não quer dizer impossível. Aliás, uma das armadilhas mais eficientes para prender uma consciência que quer se libertar é dizer para si mesmo: “Isso não é para mim. Não consigo fazer isso hoje e talvez nunca consiga.” Na medida em que se insiste nessa auto-observação, cada um no seu ritmo, sem paradigmas externos que sirvam de falsos modelos, então, a passos lentos mas firmes, se fortalece esse espaço de consciência que está no campo da neutralidade.

Esse é o processo do solve, o dissolver, que dissolve todas as situações nas quais a percepção de nossa consciência está presa, identificada e limitada. O solvente é a imagem do Espírito refletido em nossa consciência, agindo como agente de dissolução. Essa imagem é o que na Escola chamamos de anseio, um desejo de transformar nossa consciência egocêntrica através de uma força que já se encontra em nós e que precisa ser despertada.

E o que é o coagula? É a construção desses momentos neutros de um novo estado de percepção que, por nada julgar como bem ou como mal, se orienta pela terceira faculdade da consciência, que é a neutralidade.

O estado de neutralidade não deve ser confundido de forma alguma com frieza ou indiferença. Muito se fala na sociedade atual a respeito dessa observação neutra, que tem seu valor e com certeza fortalece o poder da observação objetiva da consciência sobre a própria consciência. A diferença entre o que a Escola propõe e esses métodos de que estamos falando aqui é simples, mas fundamental. É preciso saber com clareza qual é o pano de fundo que baliza a auto-observação.

Existem duas possibilidades – portanto dois caminhos. O primeiro consiste em melhorar sua vida, diminuir seu estresse, melhorar seus relacionamentos, e outros objetivos semelhantes. O segundo diz respeito à transformação da sua vida a partir do impulso da busca espiritual, usando o incômodo que as perguntas e a busca interna lhe causam como ponto de apoio para a alavanca que muda o eixo da consciência.

É importante deixar claro que não estamos dizendo que você não deva exercer o primeiro método, pois é possível, sim, ganhar certa observação neutra através daquelas ferramentas;

mas a grande questão é que essas ferramentas sozinhas não contribuem para a transformação da consciência. Em outras palavras, existe um anseio por melhorar a vida humana nesta ordem de natureza, o que obviamente tem seu valor do ponto de vista dialético, e está ao alcance de qualquer pessoa bem intencionada; ocorre que isto não basta aos buscadores que anseiam por resolver o enigma da vida.

No primeiro caso, tentamos resolver os problemas da vida com as mesmas condições que os criaram. No segundo caso, buscamos resolver os problemas com outras condições que não são as mesmas da vida comum que os gerou. Essas outras condições são as imagens espirituais que falam em nosso coração como um desejo indefinido por uma vida superior, que nem mesmo os superlativos mais fortes de nossa língua são capazes de descrever em sua plenitude: eternidade, onisciência, ubiquidade, amor eterno, etc.

Essas imagens são o reflexo do Espírito que já está em nós, mas se confundem com as milhares que também formam o que chamamos de “ego identificado”. Portanto, se nos aventuramos nesse caminho de descoberta interior, impulsionados e iluminados pela força da busca espiritual que lateja em nosso ser, estaremos, por um lado, desmascarando as identificações que nos prendem ao que é externo e, por outro lado, fortalecendo o poder de neutralização de nossa consciência e aumentando seu nível vibratório e de percepção.

Em resumo, esse é o *solve et coagula* dos alquimistas: a dissolução de um estado de consciência egocêntrico e, em paralelo, a construção de uma nova consciência, não egocêntrica, com um novo poder.

Todos os materiais de construção necessários estão dentro de nós: nossos pensamentos, sentimentos e reações são os combustíveis do forno alquímico, o Atanor, onde arde o fogo da consciência. E o produto dessa transformação é a liberdade de consciência, que se desliga dos problemas por se colocar acima deles. Tudo continua igual em nossa vida exterior, a roda da vida continua a girar com todas as suas pendências e desafios mas, internamente, tudo se transforma.

Nesse novo estado de percepção, o conflito é desfeito pois vai paulatinamente diminuindo a distância entre o que deve ser e o que de fato somos, à medida que o sopro do Espírito fala em nós.

Se você está buscando com sinceridade os caminhos do Espírito, tenha certeza de que o mais importante já está em você. Sempre esteve: a voz do Espírito. Confie em sua busca espiritual, saiba que todos os elementos do laboratório alquímico estão preparados no

caminho que você intuitivamente já sabe que existe. Confie no Espírito que lateja em seu coração, pois Ele também confia em você, pois Ele é você!

Que essa confiança se traduza em uma mudança efetiva em sua vida.

HORA EST!

Chegou a hora em que a torre,
com seus quarenta e nove degraus,
é franqueada para nós.

Chegou a hora em que os portais
são amplamente abertos.

Chegou a hora em que
somos convidados a despedir-nos
da vida voltada para a matéria
e deixar a consciência
nascida da Natureza
dissolver-se na nova consciência-alma.

Tudo está preparado para auxiliar-nos
a iniciar nossa jornada.

Tudo está pronto para conduzir-nos ao lar.

(Trecho da Rosa Mystica 81 - Lectorium Rosicrucianum)

Capítulo 6

Transformar chumbo em ouro do Espírito¹

*Não sejas o de hoje.
Não suspires por ontens...
Não queiras ser o de amanhã.
Faze-te sem limites no tempo.
Vê a tua vida em todas as origens.
Em todas as existências.
Em todas as mortes.
E sabe que serás assim para sempre.
Não queiras marcar a tua passagem.
Ela prossegue:
É a passagem que se continua.
É a tua eternidade...
É a eternidade.
És tu.*

Seguindo o tema principal da alquimia, o *solve et coagula*, ou a separação e a reunião dos opostos, Carl Jung concebeu uma relação entre o consciente e o inconsciente marcada por um processo de diferenciação seguido de um processo de integração dos conteúdos psíquicos; por um distanciamento seguido de reunião; pelo destaque de conteúdos psíquicos que conduzem à integridade; pela adoção de uma atitude simbólica em substituição à contínua projeção de si mesmo para o exterior, e o fato de se identificar com todo esse processo. Assim afirmou:

O problema central da Psicologia é a integração dos opostos. Isso é encontrado em todo lugar e em todos os níveis.

[...] Isso se realiza por meio de um processo simbólico muito complicado que coincide a grosso modo com o processo psicológico da individuação.

Em alquimia esse processo se chama conjunção de dois princípios [...]. As operações alquímicas eram reais, mas sua realidade não era física e sim psicológica.

[1] MEIRELES, Cecília. Cânticos. 4a Ed. São Paulo: Editora Global, 2010.

A alquimia representa a projeção em laboratório de uma drama ao mesmo tempo cósmico e psicológico [...].

Na linguagem dos alquimistas, a matéria sofre até que o nigredo desapareça; então, a cauda do pavão anunciará a aurora e surgirá um novo dia: o albedo.

Mas, nesse estado de brancura não existe verdadeira vida: é um estado abstrato, ideal. Para infundir-lhe vida é preciso infundir-lhe “o sangue” – o rubedo, o vermelho da vida.

Somente a experiência de todos os estágios do ser pode transformar o estado ideal do albedo em uma forma de existência plenamente humana. Somente o sangue pode vivificar o estado de consciência mais alto, no qual é dissolvido o último traço de negrume, no qual os opostos não têm mais existência autônoma, mas são integrados, reconstituindo a profunda unidade da psique.

Então, a Opus Magnum está completa: a alma humana está completamente integrada.

<http://www.animaestudosjunguianos.com.br/index.php/br/canal-jung/19/jung-e-a-metafora-alquimica>

Jung não relacionou essa ligação entre consciente e inconsciente a consequências metafísicas porque para ele, em alquimia, imortalidade e eternidade são símbolos, que devem levar o homem ao que ele chama de “individuação”. Individuação é o equivalente moderno da transformação alquímica, pois essa individuação não diz respeito unicamente à consciência, mas também ao inconsciente. Assim como na alquimia, a libertação não diz respeito somente àqueles que crêem, mas se estende à realidade como um todo.

A alquimia foi apresentada por Jan van Rijckenborgh, um dos fundadores da Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, da seguinte maneira:

“Há duas concepções de Alquimia. A primeira, errônea, é que ela representa a transmutação dos vis metais em ouro; a segunda, correta, é que ela representa a transmutação dos metais espirituais em ouro do Espírito.

Esse ouro deve livrar-se de tudo o que é inferior para ser sublimado em ouro superior. Ele é o verdadeiro objetivo que cada ser humano deve perseguir. Mas isso ainda nada diz da Alquimia dos Rosacruzes. Qual é ela?

Trata-se evidentemente da rejeição de qualquer impureza. Vivemos na esfera química do mundo material e chegamos ao nível mais baixo, à maior materialização. Este mundo é constituído de elementos, forças, minerais e metais. Mas ele é trespassado por uma

essência espiritual: a força do Cristo, uma força universal e atmosférica que impulsiona tudo à atividade.

A ação dessa essência espiritual é impulsionar sem descanso a evolução da vida para restabelecer o mundo material em sua pureza original.

Todas as escolas de mistérios colaboram nessa obra. Atrás de cada processo de despedaçamento e de renovação, está a Ordem da Rosacruz, que age em todos os planos.

Essa é a alquimia, a Alquimia dos Rosacruzes. Ela influencia todos os domínios da Ciência, da Arte e da Religião. Para ela, trata-se da renovação da humanidade: a liberação do ouro do Espírito.

A atividade alquímica dos rosacruzes opera como um remédio para a cura de toda a humanidade.”

É essa verdadeira alquimia, apresentada pelos rosacruzes clássicos do século XVII na Alemanha, que é adotada no século XXI pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea, visando resolver as contradições existentes em nossas vidas. Esperamos que todos nós possamos alcançar a verdadeira compreensão do *solve et coagula* para que, com o auxílio do solvente universal, o Espírito, ingressemos na liberdade interior da nova consciência-alma.

A VERDADE

Vede a Verdade e aceitai-a!
A Verdade tudo vence.
Através da Verdade
as sendas dos deuses se abrem.
Através da Verdade
o Consolador vem a nós.
Através da Verdade
a Sabedoria desce em nós.
Quem purifica seu ser,
pelo conhecimento da eterna paz,
alcança o Todo.
Entrai pelas portas da vida libertadora,
e não deis mais ouvidos aos cânticos
de vossa vontade dialética!
Orientai-vos somente pela
única Verdade universal;
Verdade que se encontra
de trás do áureo véu,
e uni-vos àquele que está
mais próximo do que mãos e pés!

(Rosa Mystica 129 - Lectorium Rosicrucianum)

Capítulo 7

O centenário de nossa Escola e a missão aquariana

Senhor da Vida!

*Que o Fogo Uno da Vida, que podemos liberar, possa demonstrar-se
suficientemente forte para realizar sua missão sustentadora!*

Que o caminho da paz se abra para todos os que buscam!

Sete raios redentores e libertadores descem a nós.

Sete poderes sanadores tocam-nos com o supremo remédio.

Sete muralhas devem ser demolidas em nós e arrasadas ao nível do solo.

*Sete grilhões que nos prendem devem ser partidos, para que o Espírito
Santo Sétuplo nos eleve à Luz Imutável.*

(Rosa Mystica 86 - Lectorium Rosicrucianum)

A humanidade aproxima-se de um claro e quase intransponível limite, que traça uma linha divisória entre o velho estado de consciência e a nova consciência que se aproxima. As crises que vivemos no plano internacional, regional e individual possuem conexão direta com a aproximação desse limite, e tudo isso tem como pano de fundo o movimento incessante da Grande Inteligência Universal, a Força do Logos Tríplice no coração de nossa Terra, que se manifesta como o grande relógio cósmico dos Sete Raios do Espírito¹.

À medida que nos aproximamos desse limite, todas as resistências no plano individual e coletivo acumuladas em nossos campos energéticos representam um poderoso e denso lastro de substância alquímica ainda não transmutada nos sete aspectos de nosso ser. Sabendo que esse acúmulo é o fruto de tudo aquilo que ainda não foi transmutado nos sete aspectos de nossa consciência e de nossa vida, colocamo-nos diante de sete perguntas fundamentais, para que cada um desses aspectos possa ser tocado e revelado pelos Sete Raios do Espírito:

1. Em que medida ainda vivo do eu?
2. Em que medida ainda sou vivido por ele?

[1] Para maiores detalhes sobre o tema dos Sete Raios do Espírito, recomendamos a leitura do primeiro volume desta Série Renovação “Os Sete Raios do Espírito e a Transformação da Vida Humana”, publicado pela Editora Pentagrama: Os Sete Raios do Espírito e a transformação da vida humana/ Lectorium Rosicrucianum. 1 Ed. Jarinu, SP: Pentagrama Publicações, 2018.

3. Em que medida ainda vivo ansioso, preocupado e com medo?
4. Em que medida ainda permito que pensamentos sombrios, negativos e obstaculizantes povoem e preencham meu campo mental?
5. Em que medida ainda permito que meus sentimentos sejam levados pelas tempestades de fogo do mundo astral inferior?
6. Em que medida ainda permito que minha força vital seja roubada, conspurcada ou rebaixada?
7. Em que medida ainda vivo duas vidas, como se o caminho único fosse uma vida separada da vida material e cotidiana?

Se realmente trabalhamos interiormente todos esses aspectos, essas sete perguntas essenciais devem ter agido em nós como um poderoso solvente, iniciando, assim, a primeira etapa de um processo alquímico ainda mais poderoso, uma verdadeira oitava superior do solve, que corresponde à dissolução, ao desmascaramento extremamente potente que precisa vir com força ainda maior para fazer face às resistências acumuladas. Essas sete perguntas, esses sete solventes alquímicos, têm como primeiro objetivo tornar-nos conscientes de nós mesmos em um nível muito mais real e profundo. Pois apenas se nos basearmos nessa verdadeira autoconsciência é que podemos começar uma nova etapa, mais real e profunda, a etapa de uma nova demolição, gradual e sistemática dessas últimas e mais poderosas resistências.

Carregamos em nosso eu e nos grupos de que fazemos parte um lastro de hábitos e de automatismos. Esse lastro é o verdadeiro Nigredo, a primeira fase da alquimia, acumulado em nosso santuário da vida. Ele precisa ser percebido, compreendido e transmutado o quanto antes, pois o tempo para uma grande transformação, que vai além do que até agora temos vivido, aproxima-se rapidamente. Simbolicamente, o Nigredo é associado a um resíduo, à borra que se acumula no fundo do vaso alquímico de mistura após muitas operações, e que necessita de um fogo alquímico ainda mais intenso para ser finamente dissolvido e transmutado em uma nova e pura substância. Todos esses hábitos e automatismos acumulados no santuário da vida encontram-se na “cauda da serpente” de nosso fogo serpentino, no espaço formado pelas vértebras soldadas do sacrum e do cóccix, entre o chacra do plexo sacro e o chacra-raiz, o qual equivale ao núcleo da força criadora e ao ponto de conexão com toda herança sanguínea e cármica. Portanto, estamos tratando do verdadeiro nó górdio de nossa resistência individual, que se acumula e se manifesta em nosso grupo.

A Escola Espiritual da Rosacruz Áurea constitui a manifestação de uma escola iniciática contemporânea, atuante durante a Revolução Aquariana. Poucos anos nos separam da celebração do centenário de criação da Escola, em 2024, significando que o tempo para transmutar todas as resistências a que ainda estamos sujeitos urge. Se não o fizermos, a inércia do hábito e do passado acabará selando nosso futuro. Em meados desta década de 2020 teremos condições de vida que, de maneira ainda mais marcante, poderão abrir portas para que milhões de seres humanos se tornem autoconscientes e despertem para a busca do sentido de sua existência. Para tanto, basta que a humanidade se permita permanecer na espiral de aceleração da consciência em que se encontra agora, assim como vários pensadores modernos indicam. Segundo os fundadores de nossa Escola e outros obreiros da Fraternidade que nos deixaram indicações a respeito da ação direta da Grande Inteligência do Logos, isso poderia acontecer em futuro próximo. Por esta razão, temos anos muito importantes de trabalho pela frente, e devemos utilizar esse tempo para a transmutação de todos esses aspectos, mediante uma única e poderosa chave: a alquimia interior.

Nos últimos anos a fase de preparação foi marcada por muitos impulsos e muitas mudanças. Um cabedal de novas ideias e novas perspectivas nos foi oferecido para que pudéssemos realizar minuciosa preparação do grande processo alquímico de transmutação. Essa preparação consistiu em grande impulso com três objetivos claros:

- Identificar nossas principais resistências, grupais e individuais;
- Aportar novas perspectivas que pudessem desencadear um poderoso processo de dissolução de tais resistências; e
- Introduzir novas atividades e formas de realização do trabalho, que permitissem a consolidação de uma nova manifestação da Escola.

Esse poderoso impulso preparatório acompanhou todos os aspectos da Escola, desde o Trabalho da Juventude, o Trabalho Público, a Escola Externa e Interna, os Graus Interiores, a Editora Pentagrama e o Instituto Civitas Solis, abrindo nova dinâmica em suas espirais de atuação e desenvolvimento. Esse impulso também se traduziu nas novas conferências abertas e nas reuniões destinadas ao acolhimento de novos alunos e buscadores, possibilitou um amadurecimento de nossa compreensão a respeito dos Sete Raios do Espírito como um grande fator da mudança da psique e da vida humanas, permeou uma profunda reflexão

sobre a estrutura da Escola de Mistérios e seu papel no mundo atual e também direcionou um grande impulso para a tão necessária transformação de nossa linguagem para atingir a consciência do ser humano moderno. Por essa razão, o foco principal de nossas conferências e serviços tem sido a ferramenta que nos permite compreender, acolher e manifestar esse grande impulso ao longo dos próximos anos.

Essa ferramenta é nossa consciência, que precisa se tornar a grande mola propulsora, a grande alavanca capaz de realizar todas essas transformações. É preciso coroar esses esforços focalizando toda a nossa atenção para compreender como a consciência transforma a vida, para que então ela se consolide em nós como uma real ferramenta alquímica. Por isso vamos nos concentrar em três fatores-chave que nos auxiliem a colocar o trabalho alquímico de nossa consciência em um patamar elevado, claro, mais profundo e real.

Essas ideias são:

1. Qual é a estrutura de nossa consciência, e como essa estrutura forma os seus três aspectos inseparáveis: o supra-consciente, o consciente e o inconsciente?
2. Qual é a natureza do esforço que a consciência deve aprender para transformar a vida?
3. Como esse esforço pode ser realizado?

Trata-se de meta audaciosa, porém na base de anelo sincero, da abertura e participação ativas, pode-se atrair e acolher o poderoso impulso que se aproxima como um verdadeiro auxílio em nosso caminho, na força do Grupo e de seu Corpo Vivo.

Preparemo-nos para esse intenso e transformador trabalho, consolidando o primeiro passo na direção da plena manifestação da Escola Espiritual para o ser humano aquariano.

A VERDADE PLENA¹

É verdade! É certo! É a verdade plena!
O que está em cima é como o que
está embaixo, e o que está embaixo
é como o que está em cima, para
que os milagres do uno se realizem.
E assim como todas as coisas se originaram
do uno por uma mediação, todas elas,
por transmissão, nasceram desse uno.
O seu pai é o Sol,
a sua mãe é a Lua,
o vento carregou-as em seu ventre,
a terra foi sua nutriz.
O pai de todos os talismãs está
presente no mundo inteiro.
Sua força permanece intocada quando
é utilizada na Terra.
Separa com amor, grande entendimento e
sabedoria, a terra do fogo, o sutil do que
é duro, denso e rígido.
Ela sobe da terra ao céu e de lá desce novamente
à terra, e assim recebe a força do que está em cima
e do que está embaixo.
Assim possuirás a glória do mundo
inteiro, e toda a escuridão fugirá de ti.

[1] Hermes Trismegisto em Tabula Smaragdina.

Capítulo 8

A consciência plena e o cosmo: a metáfora das fases da Lua

Ó Fulgor do Alvorecer da Eternidade!

Nós saudamos-te!

Um novo Sol nasceu para nossa consciência: o Sol da nova vida.

A Luz do novo dia foi-nos revelada, o dia que jamais findará.

Foi-nos dado novo alimento: o pão e o vinho da plenitude gnóstica.

A nova força vital flui por todo o corpo.

Áurea é sua cor, e como de rosas, sua fragrância.

E assim vamos ao encontro do milagre, o milagre da realização!

(Rosa Mystica 154 - Lectorium Rosicrucianum)

Imagine que estamos diante do imenso disco solar em toda a sua magnificência: o Sol, uma esfera incandescente que não projeta sombra alguma e que, de todos os pontos de sua gigantesca superfície, emana apenas uma poderosa e intensa luz que se espalha por todo o universo. Extasiados por tamanha luz, vamos girando ao seu redor, descrevendo inúmeras espirais cada vez mais abertas no espaço, até que nos deparamos com outro magnífico corpo celeste, muito menor que o Sol, mas que possui um brilho intenso e cativante. Ao fitá-lo em seu esplendor temos a impressão de que estamos diante de um belíssimo mosaico colorido, que se sobressai sobre um fundo azul envolto em uma camada de brancas nuvens que mais parecem a imagem de uma belíssima pérola flutuando no espaço.

Surpresos, nos damos conta de que se trata da Terra, que reflete como um espelho multicolorido de maravilhoso mosaico toda a luz do fogo áureo do Sol. Nossos olhos, nosso coração e todo o nosso ser são tomados por intenso sentimento de plenitude, como se víssemos a união perfeita da luz e de seu reflexo, no ouro do fogo e no brilho multifacetado de sua imagem, manifestados em duas esferas perfeitas, que se movem no espaço infinito em total harmonia regidas pelas supremas leis da dança das esferas celestes.

Nossa atenção é desviada por algo inesperado, uma imensa sombra se projeta sobre a superfície da Terra. Ela eclipsa a luz do Sol escondendo, pouco a pouco, seu brilho até que todo o seu disco solar refulgente mergulha na escuridão. Nossa atenção se volta para esse

fenômeno atemorizante e, à medida que esse disco de sombra se move e se afasta do luminoso disco solar, percebemos que ele é outro corpo celeste, que se interpôs entre o Sol e a Terra.

Assim, nos damos conta de que um terceiro corpo celeste surgiu do espaço. Um corpo celeste que, girando ao redor da Terra, se interpõe entre a luz do fogo refulgente do Sol e seu espelho cintilante, gerando, pela primeira vez, algo até então desconhecido, o oposto da luz, uma profunda e espessa sombra. Desse modo percebemos a Lua, e que em seu movimento constante e imperceptível se colocou entre a fonte da luz e seu espelho gerando, por sua própria existência, a manifestação da sombra. A partir desse momento o brilho do Sol nunca mais será o mesmo pois, de tempos em tempos, ele será obscurecido pela sombra da Lua: seu disco de fogo será gradativamente tragado pela escuridão para depois ressurgir dela pouco a pouco, até sua plenitude.

Quantas vezes o ser humano na aurora de sua existência levantou os olhos do mundo de poeira e pedras em que vivia para contemplar o céu, maravilhado e aterrorizado pela imensa grandeza que se elevava sobre o horizonte? O fulgor do Sol, o resplendor da Lua, e o cintilar das estrelas permearam e preencheram a psique de incontáveis gerações que neles não apenas buscavam uma fonte de encanto e imaginação, mas também as respostas para compreender quem realmente eram, qual a origem de suas vidas, e, acima de tudo, qual poderia ser o propósito de sua constante luta pela existência. Quantas vezes o atemorizante espetáculo de um eclipse não se gravou a fogo na psique desses primeiros seres humanos?

É fácil compreender o quanto a psique humana sempre buscou respostas para a constante necessidade de explicar a si mesma em todos os símbolos que preenchiam seus olhos, suas mentes e seus corações. Incontáveis são as culturas e os povos, nas mais diversas épocas, que associaram o Sol, a Terra e a Lua ao seu próprio ser, chamando-os de deuses e idolatrando suas imagens. Quando a mente humana evoluiu e se tornou mais consciente de si mesma e da matéria, esses deuses do princípio tornaram-se forças da natureza, seres materiais que, como grandiosos corpos celestes, são regidos por leis mensuráveis e previsíveis.

Porém nossa psique, que em seu aspecto mais profundo funciona a partir do campo intuitivo dos símbolos, ainda hoje utiliza essa linguagem repleta de imagens. Trata-se de uma linguagem profunda gravada em nós e que precisa ser decifrada para que possa compreender a si mesma e o todo. Este capítulo é dedicado a compreender um pouco melhor essa linguagem simbólica da estrutura da consciência, utilizando estes três arquétipos ancestrais, profundos e poderosos de nossa psique: o Sol, a Terra e a Lua na tentativa de resgatá-los conscientemente e transformá-los em ferramentas com nosso trabalho interior.

Compare-se esses três arquétipos com três camadas muito específicas de nossa consciência: o que chamamos de “supraconsciente”, inconsciente e consciente. O Sol, com seu fulgor majestoso, sua luz que se propaga em todas as direções, cuja imensa energia faz surgir calor, movimento e vida em tudo ao seu redor, nessa simbologia pode ser associado ao supraconsciente, isto é, à consciência plena do ser absoluto em tudo e todos.

A fonte da supraconsciência é a própria Consciência Universal. Todas as coisas que existem são um raio de seu infinito ser, assim como em cada partícula de nosso ser vive um raio do Sol que nos toca, desperta e anima. É dessa fonte que surge tudo o que se manifesta. Também é dessa fonte que brota a própria natureza, representada em nossa simbologia pela Terra.

A Terra é a imagem do Sol: a natureza é a imagem da divindade. A luz do Sol - apesar de ele ser todo poderoso em seu brilho e iluminar todas as coisas - somente se torna visível quando se projeta em algo, refletindo sua imagem seja no fundo de nossos olhos seja no grande mosaico da natureza em todo o cosmo. Da mesma forma, a supraconsciência somente pode tomar forma e existir através da manifestação universal.

Assim, o Ser absoluto, a divindade, precisa de uma imagem através da qual possa se refletir para conseguir se manifestar. Essa imagem é a natureza. Todos os reinos da natureza e todos os seus seres formam uma imagem infinitamente complexa, como um mosaico infinito e riquíssimo criado a partir de uma miríade de partes distintas e únicas, cheio de cor, luz e vida que, em seu conjunto, reflete a luz do grande Ser Universal. É assim que o fogo se torna luz, o Sol se reflete na Terra e a Consciência Universal se manifesta na natureza. Porém, a natureza, por mais bela e perfeita que seja, como um verdadeiro jardim do Éden refletindo em si a imagem multidimensional do Ser absoluto, ainda é inconsciente dessa glória e de toda a luz que dela mesma emana. O supraconsciente se reflete em uma imagem perfeita de si mesmo, porém essa imagem é inconsciente de si mesma. Por essa razão, o paraíso da natureza na Terra representa o inconsciente.

É preciso que surja na natureza um ponto focal, capaz de se tornar consciente de si mesmo, de ser o ponto de apoio para que esses dois grandes campos, o supraconsciente e o inconsciente, possam se encontrar e se fundir.

O Ensino Universal nos fala que o alento universal, a supraconsciência, derrama toda a sua força em um único ponto focal em todo o infinito espelho refletor da natureza e nele cria, simbolicamente, um átomo, um arquétipo inteiro e completo da divindade. A tradição judaico-cristã nos fala que esse arquétipo refletor concentrado surge no Éden, no Paraíso da

natureza, como um primeiro núcleo de autoconsciência: Adamas, aquele que carrega em si a imagem do Logos Tríplice – o sagrado “A-D-M”, em si mesmo.

O senhor Jan van Rijckenborgh nos fala a respeito de um “núcleo da autoconsciência” que surge no ser humano. Ele o chama simbolicamente de “átomo”, o átomo refletor da consciência no coração. Esse átomo é como um espelho que pode refletir perfeitamente a Luz do Sol, a mônada que carrega em si a imagem de todo o universo. Na simbologia do arquétipo da consciência que se está utilizando, esse núcleo de autoconsciência, portanto, o consciente, é representado pela Lua. A Lua é o espelho do Sol. Ela representa o surgimento de um ponto focal no firmamento do universo que reflete, como um polido espelho de prata, a Luz infinita do Sol. Por essa razão, desde o seu primórdio a humanidade associou simbolicamente o Sol ao Espírito, a Terra aos quatro elementos da natureza, e a Lua à consciência, à alma humana.

A Lua - com suas fases, ciclos e influência sobre as marés e sobre o ritmo vital de todos os seres vivos - é a regente dos ciclos da natureza, assim como a consciência humana, em seu processo contínuo de aprendizado e transformação, deve ser a regente dos quatro elementos da personalidade. Na raiz do que permite à Lua realizar esse movimento de alternância e reger todos os ciclos da vida, há algo fundamental que, se bem compreendido, pode ser grande auxílio e apoio para o trabalho alquímico interior. Trata-se da natureza indivisível de luz e sombra.

Como metáfora da alma, a Lua nos mostra que a alternância de luz e sombra constitui um único e indivisível ciclo da consciência, e carrega em si mesma a imagem dos elementos da Consciência Universal que se fundem na consciência humana. De um lado, a Luz do supraconsciente, de outro, a sombra do inconsciente e, como resultado de sua alternância, o consciente. Isso significa que o consciente humano deve ser o grande laboratório alquímico onde o supraconsciente e o inconsciente são transmutados e unidos de maneira indissolúvel, através de um processo de transformação ininterrupta. Portanto, no trabalho alquímico interior do aluno, é necessário compreender a natureza absolutamente una e indivisível de luz e sombra em sua própria consciência e desvendar, através de seus ciclos e alternâncias, o segredo de sua própria transformação.

Isso parece simples, mas todos os nossos condicionamentos nos levam exatamente na direção contrária e nos afastam da real compreensão desse processo. Inconscientemente preenchidos com infinitas camadas de conceitos morais e dogmatismo religioso, que nos levam a tantas interpretações errôneas do Ensino Universal ou da sabedoria ancestral, muitas vezes, sem mesmo perceber, associamos:

- A luz com o bem e a sombra com o mal;
- A luz com o Ouro do Espírito e a sombra com a Escuridão da Matéria;
- A luz com a compreensão e a sombra com o insondável e incompreensível;
- A luz com o desejável Albedo e a sombra com o indesejável Nigredo;
- A luz com o consciente e a sombra com o inconsciente;
- A luz com o santuário da cabeça e a sombra com o santuário da vida.

Com base nessa compreensão parcial e errônea buscamos o absoluto: a luz, o bem, o Ouro do Espírito, a compreensão, o Albedo e o consciente, refugiando-nos no santuário da cabeça. Ao mesmo tempo fugimos do que observamos em nós como forças tidas como negativas: a sombra, o mal, a escuridão da matéria, o incompreensível e o Nigredo, rejeitando nosso inconsciente e nosso santuário da vida.

Com base nessa rejeição de nós mesmos não é possível seguir a senda alquímica da transfiguração. Iríamos naturalmente transformá-la em caminho de exclusão, no que tantas vezes reconhecemos nas religiões naturais com seus dogmas, modelos de comportamento e listas de certo e errado. Por isso é preciso compreender, real e profundamente, que luz e sombra são os dois lados da manifestação universal, e que sua associação com bem e mal são criação de nossa consciência ainda imatura e infantil. É preciso perceber que o segredo da transmutação está em compreender a natureza e a função desses elementos que formam nossa consciência, para que então, ao integrá-los da única maneira correta, possa surgir em nós um novo estado de consciência, uma consciência integrada: a consciência superior.

A consciência egocêntrica, que divide o mundo em bem e mal, percebe:

- No ódio o oposto do amor;
- Na lascívia o oposto da castidade;
- Na fraqueza o oposto da força e da autoridade;
- Na vida o oposto da espiritualidade

Ao olhar para a natureza e para o cosmo, a consciência egocêntrica percebe apenas a alternância entre luz e sombra, em um jogo sem vencedores e sem fim entre aquilo que ela chama de bem e mal. A consciência que amadureceu compreende que a separação se encontra nela mesma. Ela percebe que as aparentes contradições da vida são, na verdade, aspectos de uma única realidade, que nos mostra diferentes facetas a partir de nosso próprio ponto de vista. Essa consciência olharia para a mesma natureza e perceberia que seu ponto de vista, sua posição relativa de observação, determina aquilo que ela está vendo naquele exato momento. Perceberia que seu ponto de observação faz a imagem que ela capta da realidade oscilar em constante transformação, mostrando-lhe constantemente o ponto cego de sua própria consciência, permitindo-lhe manter-se na infinita espiral de aprendizado interior. Dessa forma, o aparente inimigo interior, a sombra, se torna seu grande professor, ao compreender que ela mesma projeta sua sombra, assim como a Lua projeta um grande cone de sombra em todo o universo, pelo simples motivo de refletir, com sua outra face, a luz fulgurante do Sol.

Essa consciência amadurecida compreenderia que a sombra do inconsciente não é algo malévolos, tenebroso ou atemorizante, mas sim o reservatório de toda a sabedoria universal, aquela imensa parte do universo ainda não iluminada por sua própria consciência, pequena e parcial. Para essa consciência que amadureceu, as aparentes dualidades em nosso mundo seriam finalmente compreendidas como as faces de uma mesma moeda, as faces de sua própria consciência em constante processo de aprendizado e transformação. Perceberia, cada vez mais claramente, os fenômenos criados por ela mesma e que:

- O que ela percebe como medo, fuga, rejeição e ódio, na realidade é a sombra projetada de seu amor parcial e imperfeito;
- O que ela percebe como insegurança, fraqueza e caos é a sombra projetada de sua busca por segurança, auto-afirmação e poder;
- O que ela classifica em si mesma como torpe e reprovável, não passa da sombra que ela projeta na busca de uma bondade parcial e um comportamento artificial.

A consciência humana que amadureceu a esse ponto compreende que a vida é uma só, que a alternância de seus diferentes aspectos é seu grande mestre e que o único inimigo a ser vencido está sempre dentro dela mesma. Assim, ela estará pronta para colocar os pés na verdadeira e única senda alquímica, que lhe ensinará que o Espírito e a natureza devem ser unidos e

transmutados pela alma. Que o supraconsciente e o inconsciente devem ser transmutados pelo consciente, transformando os ciclos aparentemente repetitivos da natureza em uma espiral de constante aprendizado.

Na força da Gnosis, na força do alento do amor de Deus, atacai todo o vosso ser desta natureza, que está separado do Pai do Todo, o Espírito. Segui a senda da endura, a senda da grande transformação que foi proclamada e vem sendo ensinada pela Escola Espiritual da Rosacruz Áurea há tantos anos. E com certeza haveis de vencer, pois quem se submete realmente à mais poderosa de todas as forças um dia experimentará a graça. Então será consumado em vós o que a Gnosis proclamou sobre a preparação do ouro, a ação do Sol espiritual.¹

[1] RIJCKENBORGH, J. van. A Gnosis original egípcia e seu chamado no eterno presente: o Corpus Hermeticum de Hermes Trismegistro comentado por Jan van Rijckenborgh. cap. 2, 3 ed. Jarinu, SP: Lectorium Rosicrucianum, 2011.

Capítulo 9

A alquimia interior

Que no impulso alquímico que se revela na mágica senda da Rosa e da Cruz, nossa consciência possa desvendar o mistério de seu próprio ser, ultrapassando a alternância da luz e da sombra para assim ingressar na realidade de uma Vida totalmente nova!

O capítulo anterior tratou dos três aspectos do arquétipo da consciência humana: o supraconsciente, o inconsciente e o consciente, através da metáfora dos elementos da natureza - o Sol, a Terra e a Lua. Através dessa metáfora vimos como a Lua, com sua alternância e ciclos, representa a alma humana em seu contínuo processo de aprendizado e transformação.

A Lua é o símbolo da interação dos dois elementos que formam nossa consciência: luz e sombra. Os ciclos da lua, que alternam esses dois elementos em sua forma e encadeamento, possuem forte correlação com o trabalho alquímico interior da própria consciência. Esses dois elementos também são os clássicos pares de todas as tradições: Yin e Yang para os povos do Oriente, fogo e água como os elementos básicos da natureza, para os gregos, nigredo e albedo para os alquimistas.

Da interação desses dois elementos surgem os quatro estados básicos da manifestação da vida em seus infinitos ciclos. De luz e sombra, da alternância de calor e frio na natureza, surgem as quatro estações: inverno, primavera, verão e outono. Do Yin e Yang surgem os quatro tipos humanos básicos da medicina clássica chinesa: o grande yin e o grande yang, dos quais surgem o pequeno yang e o pequeno yin como seus princípios opostos em manifestação. Na alquimia, da interação do nigredo e do albedo, surgem as duas fases alquímicas seguintes: o citrinitas e o rubedo. Na natureza, pela interação do fogo e da água surgem os quatro elementos clássicos, em sua sequência no círculo zodiacal: fogo, terra, ar e água. Na metáfora da Lua, como símbolo da alma humana, surgem as quatro fases que do ciclo do lunar, as quatro luas: nova, crescente, cheia e minguante.

Todos esses símbolos e metáforas estão interligados, pois foi a própria lógica interior da consciência humana que os percebeu na natureza. Em realidade, a consciência humana, vendo a si mesma, utilizou a natureza como o grande espelho do inconsciente para que nele pudesse se refletir e se conhecer. Por essa razão, na sequência e no encadeamento desses infinitos ciclos naturais, é possível descobrir o funcionamento interior da consciência em seu ciclo de

autoconhecimento e aprendizado, pois a maneira intuitiva pela a qual a consciência percebe a natureza também é a maneira pela qual ela mesma trabalha interiormente.

Na verdade, a descrição dos ciclos naturais é uma narrativa interior da própria consciência em funcionamento. Portanto, a maneira como percebemos um ciclo lunar com suas quatro luas – nova, crescente, cheia e minguante – está diretamente relacionada com a sequência zodiacal dos quatro elementos – fogo, terra, ar e água – pois essa sequência representa o segredo da alquimia interior da alma com suas quatro fases – nigredo, albedo, citrinitas e rubedo.

Aqui está uma chave importantíssima: a maneira como a consciência se transforma na nova consciência está descrita de modo velado nessa sequência. Se compreendemos seu funcionamento nos elementos visíveis refletidos no grande espelho da natureza, também compreendemos o funcionamento do processo interior invisível de transformação da alma. Essa compreensão nos permite cooperar de maneira consciente para a transformação da alma.

Tudo começa com o símbolo da lua nova. A lua nova está associada ao elemento fogo e à fase alquímica do nigredo. Em seu giro ao redor da Terra, a Lua sempre nos mostra a mesma face, mantendo a outra oculta de nossa visão *1*. Desse fato surgiram os mitos das duas luas: a lua visível, e Lilith, a lua oculta. A face oculta da Lua sempre representou o inconsciente coletivo e individual. Na fase da lua nova, a Lua está posicionada entre o Sol e a Terra. Nessa posição, o Sol ilumina a face oculta da Lua, permanecendo na escuridão a face que é visível da Terra. Por isso, no céu diurno, a Lua Nova é invisível porque a face que vemos não está iluminada pelo Sol. Como metáfora da alma, a Lua está no ponto mais próximo do Sol do Espírito, e é banhada pelo elemento fogo. Mas esse fogo do Espírito - que inunda a consciência com sua luz - permanece invisível para nós; apesar de sua luz inundar totalmente a alma, o Espírito ainda é imperceptível para a consciência; apesar de tocada pela Luz, de inundada pela Luz do Fogo do Espírito, a alma ainda permanece na escuridão, na fase do nigredo.

Este tema é de capital importância, pois revela que o toque do Fogo do Espírito ocorre a todo instante em nossa consciência; ocorre no núcleo de nossa consciência que está mais próximo do Fogo do Sol Espiritual, a mônada, no âmago de nosso ser. Porém esse toque ocorre na parte oculta, invisível e, portanto, inacessível de nossa consciência. Por isso, o toque do Fogo do Espírito - que um dia nos despertou para a busca espiritual e que também pode ocorrer a cada novo ciclo de qualquer experiência de nossa vida - é ao mesmo tempo tão

[1] A face oculta da Lua somente pôde ser observada após o lançamento dos primeiros satélites e câmeras no espaço.

intenso e tão indefinível, pois ele inunda com sua Luz Absoluta todo o nosso inconsciente, que é a parte invisível de nosso ser.

A parte consciente de nosso ser é tocada apenas indiretamente pelo Fogo do Espírito, e percebe esse toque de maneira desconcertante porque ele não ilumina nenhuma área do consciente. Ele é apenas uma força, uma radiação ou, na linguagem do Ensino Universal, um fogo: o Fogo Invisível do Espírito. Como dizia o senhor Jan van Rijckenborgh, é esse “Fogo Invisível” que gera em nós uma grande inquietação: inquietação fundamental que nos força a reagir; inquietação que não provém de nenhum aspecto do eu-consciente e não pode ser explicada por ele, mas brota das profundezas do inconsciente. Nesse estágio o consciente ainda não percebe a si mesmo, pois nenhum aspecto de sua face visível, de sua face consciente, está iluminada. E, por ainda não perceber a si mesmo, ele está na fase alquímica do Nigredo.

Mesmo sem compreender o que se passa nele, o consciente reage inconscientemente e, tocado pelo Fogo do Espírito, ele inicia um processo de transformação porque já não pode agir como antes; já não pode ignorar o toque de um Fogo que despertou nele uma força extremamente poderosa. Por essa razão, o ciclo alquímico da consciência precisa continuar. Simbolicamente falando, surge na consciência a fase associada à lua crescente, ao elemento terra, e à fase alquímica do Albedo.

Na lua crescente, a face visível da Lua começa a ser gradativamente iluminada pela luz do Sol, fazendo seu brilho crescer lentamente em força e esplendor. Na linguagem simbólica da alma, isso significa que o consciente, que corresponde à face visível da Lua, começa a se tornar consciente de si mesmo. Esse processo ocorre para todos os seres em suas infinitas espirais de desenvolvimento. Mas para o aluno que se encontra na senda alquímica da nova consciência-alma, essa fase tem um significado muito especial. Ela representa o surgimento gradual e crescente da faculdade de auto-percepção, do verdadeiro autoconhecimento. A face visível da consciência, aquela que percebe a si mesma, já não está mais totalmente na escuridão, pois nela começa a surgir uma nova luz!

A luz do Sol do Espírito começa a se refletir nessa parte da consciência (que se abriu e se voltou para essa Luz após ter sido despertada pelo toque do Fogo do Espírito): em sua face oculta e inconsciente. Simbolicamente, essa fase da consciência-alma está associada à lua crescente, e também ao Albedo, que é o surgimento de uma parte iluminada da consciência que começa a perceber o que até então não via em si mesma.

E o que ela vê? Ela não vê luz, mas escuridão, a dualidade que ainda existe nela. Ela vê com crescente clareza a distinção entre sua pequena parte iluminada e a grande parte que ainda

permanece na escuridão. Por isso essa fase está ligada ao elemento terra, pois a consciência recém despertada começa a enxergar em si mesma todos os condicionamentos, todas as incoerências, todo o pesado lastro que ela carrega e que determinam sua realidade material, que até então ela sequer percebia.

A primeira fase está ligada ao toque do Fogo do Espírito, que se liga à consciência e a coloca em movimento; a segunda fase, a fase da auto-percepção, está ligada a um confronto, pois quando o autoconhecimento desponta na consciência, ela precisa começar um trabalho voluntário de auto-transformação. Esse trabalho lhe traz compreensão profunda da natureza real da Luz e da sombra, e permite que cada experiência de sua vida seja gradativamente iluminada e transformada pela nova consciência. Quando o aluno trabalha intensamente em si mesmo nesse processo, a Luz da nova consciência se expande (o Albedo da lua crescente) até culminar na terceira fase do processo alquímico interior da alma.

Essa terceira fase é simbolicamente representada pela lua cheia e está associada ao momento em que a Luz do auto-conhecimento penetra as profundezas da consciência, e ilumina toda a sua face visível. Essa iluminação interior também está associada à terceira fase da alquimia, o Citrinitas, que representa o brilho do Ouro do Espírito, que colore o espelho da consciência; também está associada ao terceiro elemento da natureza, o ar.

Todos nós já vimos uma bela lua cheia nascendo no horizonte. Ela surge lenta e poderosa, enquanto o sol desaparece no poente. Ao surgir com seu brilho de um dourado intenso, enquanto o sol se põe no outro extremo do firmamento, é como se a Lua fosse um espelho perfeito do Sol, refletindo-o em si mesma.

Essa terceira fase indica que o Alento do Espírito, a força de uma nova compreensão representada pelo elemento ar, preencheu completamente o espaço visível da consciência. As sombras foram integradas pela Luz, e na nova consciência não existe mais separação entre luz e trevas. A dualidade e a separação desapareceram, e nessa consciência reina o brilho dourado do Ouro do Espírito, que nela se reflete plenamente. Seja no breve ciclo de uma simples experiência, ou na duração do caminho de toda uma vida, a terceira fase do processo alquímico da alma concede ao aluno um sentimento de plenitude e de paz. Nesse estado, que pode durar um segundo ou uma vida, desaparece a dor da separação. Agora reina a paz da unidade do Espírito, onde tudo é Um, onde tudo vive em unidade.

E, assim, encontramos-nos diante da quarta e última fase, simbolizada pela lua minguante. Ela equivale à quarta fase alquímica, o rubedo, e também ao quarto elemento, a água.

Pode parecer contraditório associar a lua minguante à última e mais elevada fase da alquimia, mas uma reflexão mais profunda desfaz essa primeira impressão. A luz do Sol sempre ilumina uma face inteira da Lua, assim como ocorre com a Terra e com qualquer outro corpo celeste que gravita ao seu redor. Portanto a luz do Sol não está desaparecendo em um vazio durante a lua minguante, nem está surgindo do nada durante a lua crescente. A luz do Sol está apenas se movendo sobre a superfície em movimento da Lua. A luz do Albedo, que cresceu na consciência, veio de sua metade oculta: a luz do supraconsciente emergiu das profundezas do inconsciente, do Fogo do Espírito que havia tocado e se ligado ao sangue e, portanto, ao inconsciente do aluno.

Na quarta e última fase da alquimia interior, a Luz do Espírito que ilumina toda a superfície da nova consciência mergulhará gradativamente no inconsciente, até as profundezas do sangue no santuário da vida, para nele transformar e transmutar a essência de cada experiência vivida. É por essa razão que a quarta fase da alquimia é chamada de Rubedo, o Ouro Rubro do Espírito que se uniu ao sangue, e que nele consolidou um novo estado de ser.

Também é por isso que a quarta fase do processo da transmutação da alma é representada pelo elemento água – a substância pura e original unida indissolavelmente ao Fogo do Espírito.

Agora está completo o ciclo de uma experiência de vida ou o ciclo de uma vida inteira. Ao atravessar as quatro fases da transmutação alquímica, transformando os quatro elementos de sua personalidade e unindo os três aspectos de sua consciência, o aluno na senda extrai a quintessência de sua experiência como a joia de seu aprendizado interior. Então ele abre para sua alma uma nova espiral de desenvolvimento. Ele chega ao final de seu ciclo de aprendizado: simbolicamente ao término dos doze ciclos lunares de um ano solar, que representam as doze portas do caminho interior de sua alma, em sua peregrinação na matéria ao redor do Sol Interior do Espírito. Ele descobrirá, maravilhado, que mesmo no aparente ciclo repetitivo de um ano não existe repetição alguma!

Assim como os Treze Cânticos da Pistis Sophia simbolizam o caminho da infinita espiral do aprendizado da nova consciência, da mesma forma essa infinita espiral está gravada no grande Livro da Natureza que aqui nos ensina uma lição tão simples, mas tão grandiosa: em um ano solar não existem apenas doze luas, mas sim treze! Sim: doze ciclos lunares completos e o começo de um novo ciclo, de um décimo terceiro – assim como os treze ciclos da consciência-alma.

Portanto, mesmo no que parece ser repetitivo e previsível, não existe repetição alguma: nunca vivemos ciclos fechados, mas sempre espirais abertas, em constante evolução e

transformação! É nessa espiral eterna do Universo que vivemos! Nessa espiral eterna o Sol, a Terra e a Lua nunca passarão duas vezes pelo mesmo ponto no espaço. Nessa espiral eterna, cada experiência é única, nossa vida é única, na única força que move o Universo – a força da Harmonia das Esferas, a Força do Espírito que guia a Pistis Sophia: a nova consciência, através de seus treze cânticos de louvor, até a suprema meta!

Rompei vossos grilhões:
vinde para a Luz!
Arrancai a máscara de
vossa face.
Atravessai os portais,
Agora, nesta hora!
Tomai aí o facho do fogo sagrado.
Saí, deixai vossas casas, deixai
tudo para trás.
Aceitai vossa vocação: tomai
sobre vós a cruz.
Chamai os homens que
tão penosamente vão,
que gemem enquanto caminham
em seus caminhos de dor.
Acordai de vossos sonhos!
Sede vigilantes! Despertai!
Sede obreiros da verdade.
Executai vossa tarefa!
Erguei-vos já, em bondade!
Lutai pela verdade!
E, com todos os heróis,
buscai a justiça.¹

[1] RIJCKENBORGH, J.Van, O Chamado da Fraternidade Rosacruz, cap. 7, editora Rosacruz, 2004

Capítulo 10

As sete perguntas, a máscara da Medusa e o bom combate

*Abramos todo o nosso ser ao toque do Fogo do Sol
Invisível do Espírito.*

*Que esse fogo se eleve agora em nós, revelando-se mediante a Luz de uma
nova consciência!*

Para finalizar, este capítulo extrai uma síntese dos elementos apresentados, a fim de deixar uma visão clara sobre como nossa consciência pode se tornar uma verdadeira ferramenta alquímica de transmutação de nossas resistências. A partir das sete perguntas formuladas no capítulo 7, buscou-se revelar a chave magnética dos sete aspectos de nosso ser: a consciência tríplice e a personalidade quádrupla. Essas resistências serão colocadas com clareza diante de nossa análise espiritual impessoal e objetiva, para nos fornecer abundante material de trabalho para o processo alquímico interior. Inconsciente ou intuitivamente sabemos onde se encontram as maiores resistências em nosso caminho interior: egocentrismo que nos impede de deslocar nosso centro de gravidade para o único objetivo real da vida; constantes desequilíbrios que acionam em nós mecanismos egocêntricos de autoproteção; sentimentos de ansiedade, preocupação e medo; pensamentos sombrios e paralisantes; ritmo e hábitos de vida que nos exaurem interiormente; uma vida material separada do caminho único, entre outros.

Pouco importa onde se encontra o núcleo de nossa resistência ou como ele se manifesta: se como um fogo que arde em nosso interior; se em conflitos com nossos semelhantes; se em questões familiares ou profissionais, ou até em relação ao trabalho da Escola e à sua dinâmica. Cada um de nós possui um nó básico, um núcleo de maior resistência, seja na consciência ou na vida, e reconhecer esse aspecto é de vital importância, pois ele sempre será o ponto de partida de nosso trabalho interior.

É preciso utilizar esse autoconhecimento verdadeiro como ponto de partida, fruto de um disciplinado sério e de um auto-exame constante e lúcido. Assim, o processo de transmutação da consciência pode ser visto como um combate interior, porém de natureza muito particular, que possui lógica própria, muitas vezes contrária à maneira como nosso eu funciona e trabalha. Por isso, se procuramos travar esse combate seguindo a lógica enviesada de nossa consciência-

eu, muitas vezes tentamos realizar ações impossíveis durante anos de esforços sinceros, mas com resultados infrutíferos.

Muitos alunos dizem que já sabem o que fazer mas não como fazer. “Saber qual é o combate que devemos travar já é uma parte importante de como fazê-lo!”. A esse respeito, em “A Arte da Guerra” o mestre Sun-Tzu afirma que o general que não conhece a si mesmo nem conhece seu inimigo, perde todos os combates que trava. O general que conhece a si mesmo, mas não conhece seu inimigo ganha a metade e perde a outra metade dos combates. E o general que conhece a si mesmo e também conhece seu inimigo triunfa em todos os combates. O primeiro é destruído. O segundo estagna. E o terceiro triunfa.

Nos capítulos anteriores, ao se abordar a consciência e seu funcionamento, foram apresentadas importantes ferramentas para o autoconhecimento. Agora serão apresentados alguns elementos que podem ajudar a conhecer um pouco melhor “nosso inimigo”, para então saber como combatê-lo.

Joseph Campbell¹⁴ afirma que esse combate interior está representado nas lendas de todos os povos, e que ele é o único mito que em realidade existe: é uma única história com milhares de faces diferentes. Nesse mito único, o Herói - o ser humano que está caminhando em sua senda alquímica interior - vive sempre a mesma história, a mesma epopeia interior e, quando desvenda a linguagem simbólica de sua alma, compreende a lógica de seu combate interior.

Tentemos desvendar a lógica de nosso combate interior através de uma das faces desse mito único, a lenda do combate entre Perseu e a Medusa, mencionado no prefácio deste livro.

Esse mito possui quatro elementos fundamentais, que correspondem aos quatro aspectos do processo alquímico interior: o Espelho, a Medusa, a Espada e Pégaso.

O Espelho simboliza o Espelho da Alma: a superfície onde se reflete a imagem que a consciência humana percebe como “a realidade”. O Espelho é a fronteira entre o consciente e o inconsciente, entre aquilo que em nós é Luz e Sombra. Quando se compara a consciência humana à metáfora da Lua, vimos que sua face visível representa o consciente, e a face oculta o inconsciente. Ocorre que esse espelho é invisível em nosso interior ou, em outras palavras, há uma fronteira invisível em nossa consciência. Por essa razão, ao olharem honestamente para dentro de si mesmos, muitos alunos não conseguem discernir sua própria consciência em funcionamento, pois não encontram um ponto de apoio para percebê-la.

A invisibilidade desse espelho não deve levar à desistência de sua busca, nem à crença de que se insistirmos cegamente, movimentando-nos às apalpadelas em nosso mundo interior,

um dia, por acidente, vamos encontrar esse Espelho da Alma. A verdade é que esse espelho está muito mais próximo de nós do que podemos imaginar. E ele é algo tão concreto e real que nos passa despercebido: ele é o mundo! Sim, o mundo inteiro, o mundo que percebemos com nossa consciência. Ao vermos um gatinho lutando com sua imagem no espelho, achamos graça. Um ser fora do tempo e espaço acharia tanta ou mais graça ainda, vendo nos movimentarmos dentro de nosso grande espelho tridimensional, na mesma ilusão do gatinho de que as imagens que vemos são reais!

O Espelho da Alma está em toda parte. Sua superfície está em todos os rostos, em todas as situações, em todos os lugares porque todos esses elementos são percebidos instantaneamente por nosso inconsciente a partir de sua conexão com o inconsciente coletivo e somente depois são filtrados, ordenados e catalogados por nosso consciente. Portanto, em nosso discipulado, não precisamos imaginar um Espelho da Alma invisível em nosso interior, em algum recanto indefinível de nosso ser. O espelho de nossa alma, isto é, o reflexo de nossa consciência, é o próprio mundo e tudo o que nele percebemos. Em outras palavras, percebemos apenas o nosso próprio reflexo em tudo e em todos, o tempo todo. Sendo assim, se você quiser ver sua própria alma, não feche os olhos em uma vaga esperança mística. Ao contrário, abra bem os olhos e veja a si mesmo em tudo que o rodeia.

Isso nos leva ao segundo elemento do mito que estamos utilizando para desvendar a lógica do combate interior: a Medusa. Na lógica rasa de nosso eu, a Medusa é o inimigo, o mal. Basta eliminá-lo e tudo está resolvido. O processo para eliminar a Medusa, porém, não é simples nem trivial, não existe uma receita ou fórmula e, do ponto de vista do eu, pode ser até incompreensível. Por esta razão, para saber como lutar, a consciência deve fazer um esforço para entender a realidade de uma maneira diferente. Esse é significado muito concreto de uma nova compreensão, que deve ser o resultado de perceber a mesma coisa a partir de um ponto de vista completamente distinto.

Diante disso, perguntamos: Quem é a Medusa? A Medusa é você mesmo, sou eu, somos todos nós. A Medusa é a face invisível de nossa própria consciência.

A mitologia diz que seu rosto é monstruoso. Em essência, um rosto monstruoso é uma caricatura, um desenho exagerado de linhas desproporcionais que formam um rosto anguloso e repugnante. E a imagem que projetamos de nós mesmos, no mundo e nos outros, normalmente é formada por nossos traços mais marcantes, pelas linhas mais pronunciadas de nosso caráter e de nosso comportamento. Assim, quando ouvimos a narrativa mitológica e vemos que Perseu parte para exterminar a monstruosa Medusa, reconhecendo-a através de

sua imagem refletida em um espelho, precisamos inverter a lógica dessa narrativa para poder compreender como o combate interior realmente funciona.

Para transformar seu estado de consciência, o buscador deve reconhecer o reflexo de seu comportamento na maneira como o mundo e as pessoas interagem com ele. Ao reconhecer que as reações de seus semelhantes não passam de um reflexo da maneira como ele mesmo age, poderá finalmente fazer algo para mudar isso. A sabedoria popular nos ensina muito bem como isso funciona: “Sorria para vida, e a vida sorrirá para você!” Muitas pessoas tentam remodelar seu comportamento para ter uma vida melhor, e as estantes de livros de auto-ajuda estão repletas com técnicas a respeito. Perceba, porém, que aqui se trata de algo muito diferente: trata-se de transmutar a consciência, e não de se tornar um ego mais feliz.

O buscador precisa compreender que todas as reações que ele percebe são o pólo complementar de suas ações, em uma equação energética perfeita, que reforça cada vez mais as suas resistências cegas, aprisionando-o continuamente. E enquanto ele não perceber a natureza das tensões que ele mesmo gera, não poderá neutralizá-las: permanecerá com sua consciência no Nigredo, naquele estado inicial em que não consegue perceber a si mesmo. E não percebendo a si mesmo, não conseguirá trabalhar em si mesmo. Se minhas tensões, meus pensamentos, minhas emoções são imperceptíveis para mim, isto é, se uma nova faculdade de autopercepção ainda não despertou em minha consciência, então preciso utilizar o espelho do mundo. Quando olhamos no espelho, não vemos nosso rosto: vemos seu inverso. Quando olhamos para o mundo, acontece o mesmo. Por isso, quando olhamos para o mundo, percebemos nosso polo complementar, nossa imagem invertida.

Vejamos alguns exemplos simples:

Sou inseguro – projeto insegurança ao meu redor. Por isso percebo uma ameaça potencial na atitude de cada pessoa que encontro. Digo para mim mesmo: “O mundo é ameaçador!”

Sou vaidoso – projeto vaidade ao meu redor. Por isso percebo uma crítica potencial à minha aparência em cada pessoa. Logo, penso: “O mundo desdenha de mim!”

Sou ganancioso - projeto ganância ao meu redor. Por isso em tudo o que vejo sinto o risco de perder o que tenho. Logo, imagino: “O mundo é mesquinho e cheio más intenções!”

Caro leitor, pensemos juntos por um instante nas inúmeras situações em que nos sentimos ameaçados, desprezados, usurpados, atacados, criticados, confrontados, ignorados, abandonados, traídos, e assim por diante. Coloquemos tudo isso agora diante de nosso combate interior, e reconheçamos: “Sim! Agora vejo! Este é rosto da Medusa, este é o meu rosto, o rosto de um monstro com mil faces, o rosto invisível de meu próprio egocentrismo e de meus apegos, que somente consigo perceber pelo seu reflexo em todas as pessoas e situações ao meu redor!”

Ao percebermos isso, ao percebermos a nós mesmos, é como se a luz que se encontrava apenas em nosso inconsciente, na face oculta de nossa consciência, simbolicamente na face oculta da Lua, começasse lentamente a girar em nós e a iluminar a face visível de nossa consciência. No momento em que, pelo toque e impulso da luz do supraconsciente, conseguimos enxergar a nós mesmos em nosso espelho, no mundo, então essa luz não será apenas mais um toque inconsciente, ao qual reagimos às cegas. Nesse momento, veremos a nós mesmos, agora de dentro para fora, e não mais apenas de fora para dentro. E o mais importante: isso mudará completamente nossa atitude em relação ao que conseguimos perceber. Nosso comportamento inconsciente ficará visível à nossa consciência, e isso impedirá que essa pequena parte iluminada de nossa consciência continue funcionando de maneira puramente inconsciente.

Resgatando a simbologia da Lua, imagine o momento em que uma pequenina parte da lua crescente começa a surgir no céu em uma noite clara. Mesmo aquela pequena parte de luz já ilumina e delinea todo o contorno de seu disco ainda escuro. Nesse momento, já não estamos mais totalmente na escuridão, pois uma nova consciência começou a nascer, e o Albedo ilumina o olhar da consciência.

Então, a luz desse autoconhecimento funcionará como um catalisador, que acelerará o processo de perceber-se a si mesmo no mundo, pois a imagem que refletimos terá ficado mais clara e mais perceptível. Esse processo crescerá em nós, de experiência em experiência, até que uma grande área de nossa consciência esteja iluminada e que essa Luz em nós seja tão forte a ponto de se tornar uma poderosa ferramenta: simbolicamente, uma Espada. Nesse ponto a consciência foi iluminada completamente pela luz do supraconsciente. O Espírito iluminou totalmente a Alma, que se tornou plena, como a lua cheia. Transformada na ferramenta do combate interior, na Espada da Luz, a consciência já pode se libertar de sua Medusa.

Na origem histórica do mito, a Medusa era uma máscara ritualística, utilizada por uma sacerdotisa. Portanto, a Medusa não é um ser monstruoso, mas apenas uma máscara, uma

aparência distorcida da realidade, projetada por nossa própria consciência. Por isso, a Escola sempre nos diz: “Desmascare seu eu!”, pois a aparência monstruosa que enxergamos no mundo e nas pessoas é fruto apenas da máscara desfigurada que carregamos para nos proteger de nós mesmos. Desmascare seu eu! Desmascare sua Medusa! Afinal, ela é apenas uma máscara.

Quando o eu for desmascarado, e a consciência estiver livre da máscara da Medusa, poderá nascer o novo estado de ser, simbolicamente o glorioso Pégaso, que estava sendo lentamente gestado no ser da consciência. E com suas asas ele poderá elevar-se aos céus de uma vida totalmente nova. O sofrimento do eu terá desaparecido, o combate interior terá sido vencido, e a nova consciência, com seu novo estado de Ser, se erguerá vitoriosa nos campos da batalha alquímica interior.

Esse processo não é instantâneo. Trata-se, ao contrário, de um processo que transcorre durante toda uma vida. Cada centímetro do campo de batalha do combate interior precisa ser conquistado mediante a transmutação verdadeira de cada experiência, de cada aspecto de nosso ser, de cada resistência que carregamos. Lembremos, porém, que o mal é um mito. Que o monstro do eu nada mais é do que uma máscara. Que a sombra não passa de ausência de luz e que ela se desvanece no mesmo instante em que a luz brilha. A Luz brilha em nós, em cada um de nós, ainda que seja invisível à nossa consciência. Temos aqui e agora as ferramentas certas para travar o combate interior, a batalha alquímica da alma.

Agora que sabemos o que fazer e como fazer, gravemos a fogo, de maneira indelével, nossa tarefa de vida:

- Olhar para o mundo e reconhecer nele o grande espelho da Inteligência Universal.
- Enxergar em todos os seres o reflexo projetado de nossa própria consciência.
- Desmascarar a farsa de nosso eu: libertar-nos da máscara de nossa Medusa!
- E libertar a Realidade, a Vida Real que já vive em nós.

Nada pode nos impedir de fazer isso. Na força da Luz que já brilha em nosso ser, vamos fazê-lo agora!

APÊNDICE
Textos para sentir-pensar

Sobre a ligação com a Luz Universal

Ó Luz, toda a benção
e toda a graça emanam de teu ser!
Com teu dedo traçaste
os sinais da Natureza,
e ninguém é capaz de decifrá-los
sem antes ter aprendido em tua Escola.

Por isso, sabendo que
tudo está em tuas divinas mãos,
elevamos os olhos a ti,
porque tu queres amparar-nos.
Tudo proveio de ti,
tudo te pertence,
tudo retorna a ti,
e tudo se revela
mediante teu amor e tua força;
nada pode subtrair-se à tua presença.
Ó tu, que és tudo em tudo,
vem viver em mim
para que possa viver em ti!

(Rosa Mystica 127 - Lectorium Rosicrucianum)

Sobre a busca e a reconstrução do homem divino original¹

Movido por um anseio profundo, porém inconsciente e que somente pode ser explicado pela sua origem divina, o ser humano luta pela felicidade de voltar a encontrar o paraíso perdido. Ignorando a verdade e o porquê da vida neste mundo, e uma vez que a única felicidade que ele conhece é sentir-se bem aqui, ele tenta conciliar, com sua personalidade terrestre, com todo seu eu, o que é irreconciliável e encontrar o mundo original através de seus ideais de liberdade, igualdade e justiça.

Ele luta para construir, neste mundo passageiro, o sonhado paraíso.

Ao mesmo tempo, ele vive a vida do homem-eu, sempre buscando sua segurança e sua expressão pessoal para poder manter-se, apesar das dificuldades da luta diária pela existência. Assim, por seus repetidos sofrimentos e dor o ser humano chega à experiência e, por ela, a uma nova consciência. Por fim, por essa nova consciência, chega à compreensão de suas limitações.

Então ele se pergunta sobre o porquê e qual a finalidade da vida. Então ele se torna um buscador.

Entretanto, sua busca somente terá um fim se ele compreender que a vida individual é meramente uma vida passageira e ilusória. Após a morte, a personalidade inteira – corpo, alma e consciência – se decompõe, uma parte aqui e outra no além.

Nem o eu, nem a consciência biológica, nem a alma natural renascem.

Também não se pode falar de uma vida eterna no mundo do outro lado do véu, a região dos mortos. Somente o microcosmo esvaziado de seus elementos, após processar as experiências anteriores, novamente retorna a este lado do véu, a vida terrestre, para adotar uma vez mais um princípio pessoal recém-gerado.

Esse novo ser responde plenamente ao impulso do microcosmo para um novo desenvolvimento, devido às experiências vividas. Esse tesouro de experiências constitui a base vital da nova personalidade. Assim se explicam todos os tipos de personalidades e suas limitações, todas as características agradáveis, todas as simpatias e antipatias, a felicidade e a infelicidade, a saúde e a enfermidade.

Dessa forma, o ser microcósmico acha-se acorrentado às leis do nascimento e da morte, de causa e efeito. Isso perdurará até que, sob ação das experiências acumuladas pelas várias personalidades que viveram no microcosmo, surja nele uma personalidade consciente que

[1] LECTORIUM ROSICRUCIANUM, O Caminho da Rosacruz nos dias atuais, cap. 2, 3ª edição, editora Rosacruz, 2004.

possa compreender as causas de seu estado de ser aprisionado à matéria, e eventualmente eliminá-las.

O discernimento assim adquirido ensina-lhe que essas causas não provêm do mundo, mas que se encontram exclusivamente nele mesmo. O anseio de viver voltado para o endeusamento pessoal e a personalidade egocêntrica deve ser vencido e abandonado de modo a possibilitar que o homem-alma retome seu lugar legítimo.

Então ele se volta para a finalidade inevitável da vida humana nesta natureza: a reconstrução do homem divino original.

Sobre a mudança fundamental¹

Ao aluno é agora aconselhado dedicar-se ao processo da mudança fundamental, baseando-se nesse anseio primordial, visto que unicamente esse desejo é verdadeiro e essencial. É-lhe proposto não fixar esse desejo neste ou naquele ensinamento, nesta ou naquela ideia.

Que disso ele não se desvie jamais, pois deve ter sempre em conta a possibilidade de que a verdade se tenha manifestado, de algum modo, neste mundo. Entretanto, o interesse não deve ser deslocado e não se deve tomar posição nem a favor e nem contra.

Uma grande calma deve ser gerada e o desejo deve ser neutralizado; não de modo a recalculá-lo, mas de modo a não sentir nem afeição nem aversão, permanecendo continuamente vigilante, em observação objetiva.

Se o aluno puder viver assim por algum tempo, as três faculdades primárias do sistema cabeça-corção atingirão um certo apaziguamento; então, seu selvagem turbilhão natural é diminuído; a esfera aural cessa de ser perturbada e desnaturada por novas especulações; e o danificado poder analítico do pensamento, conferido a cada homem como uma espécie de razão, recebe, nessa calma, a possibilidade de se desligar dos hábitos, do sangue e das formações intelectuais.

Ele se restabelece da pressão sob a qual teve sempre de trabalhar. O aluno se encontra no limiar da mudança fundamental.

O aluno que consegue neutralizar seus desejos e mantê-los assim por tempo suficiente, evitando todo e qualquer tipo de especulação filosófica e metafísica, conquista, dentro dos limites de sua prisão estrutural, novamente a liberdade da faculdade mental.

Essa faculdade escapa, assim, à prisão das tendências, da educação e do sangue. Resta agora ao aluno empreender uma luta heróica contra as tendências e os instintos de seu sangue que, sempre de novo, querem conduzi-lo à sua antiga vida.

Que nessa fase ele rejeite toda autoridade tirânica, e que sobretudo aprenda, em todas as coisas, a esquecer sua própria personalidade.

Nada é mais salutar, importante e eficaz no caminho espiritual do que a renúncia total do eu. E em geral, não há nada que as pessoas receiem mais do que renunciar ao eu. A autoconservação na implacável realidade da existência terrestre está de tal forma fixada e

[1] RIJCKENBORGH, J. van. O mistério iniciático cristão: Dei Gloria Intacta. 3a Ed. Jarinu: Editora Pentagrama, 2003.

estabelecida no sangue que, mesmo estando no caminho espiritual, elas querem fortalecer o eu, que sendo desta natureza, é transitório.

Se o aluno sério possui, talvez, o mesmo temor natural, mas deseja deixar seu eu se aquecer na luz do sol espiritual, que compreenda, pois, que o verdadeiro eu, a verdadeira personalidade, o homem real, não pode jamais ser eliminado. Mesmo que o desejasse. Trata-se precisamente de encontrar o verdadeiro eu. É o eu desta natureza que, no processo da mudança fundamental, deve ser negado.

Sendo o aluno bem sucedido nisso, algo da verdadeira liberdade põe-se a luzir no sistema microcómico. O aluno transpõe o portal da mudança fundamental.

Sobre a entrega da consciência-eu à consciência universal

Ó auréola plena de glória
da força divina!

Agradecemos-te, porque vens
para descobrir-nos e tocar-nos
em nossa ascensão à Luz
e nos impeles e sustentas
desde o primeiro passo,
que, vacilantes talvez,
damos no caminho da libertação.

Faze-nos perceber o que nos
detém e impede de aproximar-nos
de tua inabalável Luz.
E quando, ó Senhor,
teu fogo da graça tiver-nos tocado
e nosso ser da Natureza
estremecer sob os rigorosos golpes
da mudança fundamental,
permite, então, que digamos
com perfeito discernimento
e em total auto-rendição:
Senhor, não a minha vontade,
mas a tua vontade se cumpra!

(Rosa Mystica 126 - Lectorium Rosicrucianum)

Sobre o discipulado e a busca da nova consciência no século 21

O mundo em que vivemos vive uma crise extremamente aguda: a crise de um mundo de extremos irreconciliáveis, onde o realismo e o idealismo se afastam em direções opostas, justamente pela ausência da força moderadora de uma Nova consciência – a única força que poderá servir como o fiel da balança nestes tempos turbulentos, em que a humanidade se debate sob o fogo revelador de Aquarius.

São os nossos votos mais sinceros que possamos compreender, neste momento, a importância capital da manifestação de uma Nova consciência para toda a humanidade, e que nosso discipulado possa assim ganhar uma nova dimensão, que vai além da batalha pessoal da vitória sobre si, e que se desdobra em um fator realmente transformador para o mundo, na medida em que revelamos, em nós mesmos, um caminho totalmente novo: um caminho que deve ser a ponte do passado e do futuro da humanidade, revelado no Eterno Presente!

Prece

Fogo do Espírito,
Força Original do Universo,
Tu te elevas em meu coração
como flama inextinguível!

Em teu fogo tu consumes os obstáculos
que se encontram entre tua morada
de Luz e as sombras que ainda
obscurecem minha consciência.

Que eu possa, sempre de novo,
encontrar a coragem para ofertar a ti todo o meu ser,
na certeza de que no fulgor de tuas flamas encontra-se a
imagem original de meu próprio ser, que se reerguerá,
quando a ilusão de meu eu for desfeita.

Eleva-me a ti, ó Fogo Imperecível,
e Liberta-me da Ilusão de meu Eu-Inferior, para que eu possa servir a ti,
a Ti que és o Núcleo de Minha Alma,
a Ti que és o Centro do Universo
que irradia e brilha em mim!

Que assim seja!

O sagrado Silêncio

Submerge no Silêncio, ó Filho do Fogo!
Entra agora na paz
que te une com Deus!

Então, suavidade maravilhosa
te preencherá o coração,
e profunda graça
banirá todo o teu sofrer.

E vê, a flama eleva-se do centro
e, com sua ponta dourada,
tocar-te-á a fronte.

E toda a tempestade cessará
nas profundezas do arqueus.
E a alma conduzirá tua vida
a leis mais elevadas.

Vive, pois, no agora,
o quadrado gnóstico
e entra, ainda hoje,
na terra que te acena!

(Rosa Mystica 54 - Lectorium Rosicrucianum)